

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO II

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1914

Nº 15

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger, Joaquim de Souza Reis, Francisco de Paula Cidade (redactores); Estevão Leitão de Carvalho, Mario Clementino, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Jorge Pinheiro, Pompêo Cavalcante, Euclides Figueiredo, Taborda, Amaro Villa Nova, Maciel da Costa.



## SUMMARIO

### EDITORIAL

O recrutamento systematisado e o culto do dever pelo official

### PARTE JORNALISTICA

Ministerio Caetano de Faria.....	Redacção
Lei de promoções.....	Capitão H. Seixas
Ainda o novo R. T. A.....	Redacção
O cavallo de guerra.....	Tte Cel Assis Brazil
Arma de engenharia.....	2º Tte Arthur J. Pamphiro
Notas de clinica veterinaria.....	1º Tte Paulo Raymundo
Raid de patrulhas de cavallaria ..	1º Tte B. Klinger.
Codigo de signaes para a artilharia.	1º Tte Pompeu Cavalcanti
Themas de tiro para a artilharia de campanha .....	Capitão Lima e Silva

### NOTICIARIO

As divisões do Exercito e sua artilharia — A fortificação de campanha na França — Uma nota sobre a subscrição de que tratou o n. 13 — O Gr. E. M. — Os picadores do Exercito — A continencia — Politica e lei de promoções — Emprego e exame do material telephonico da artilharia de campanha allemã — O alto commando do exercito — Engajamento de inferiores — Professores militares — Fusil 1908 — Subscrição para as familias das victimas dos "fanaticos" do Contestado — Expediente



# Representantes da "A Defeza Nacional"

## No Rio de Janeiro

*M. G.* — 2.º Tte Antonio B. Guillon.  
*Gr. E. M.* — Cap. Goffredo Soares.  
*D. G.* — 1.º Tte J. A. Coelho Ramalho.  
*G. 2* — Cap. M. H. da Costa Santos.  
*G. 4* — Cap. H. Augusto Seixas.  
*D. A.* — 1.º Tte Benedicto O. da Silveira (ex).  
2.º Tte J. V. Dias dos Santos.  
*IX R.* — 2.º Tte Newton Cavalcanti.  
*VIII R.* — 2.º Tte A. G. de Souza Mendes.  
*Ia Br.* — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.  
*Br. Mixta* — 2.º Tte Christovam Barcellos.  
*Br. Pol.* — Major Raymundo P. Seidl (ex).  
1.º Tte A. Cunha Pitta.  
*1º R. I.* — 1.º Tte J. F. Jucá.  
*2º R. I.* — Cap. J. Sotero de Menezes.  
*3º R. I.* — 1.º Tte M. de Castro Ayres.  
*52º Caç.* — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.  
*56º Caç.* — 1.º Tte Arminio B. de Moura.  
*58º Caç.* — 1.º Tte J. de Souza Reis.  
*Ia Cia. Metr.* — Aspte Maciel da Costa (ex).  
Aspte João Pereira de Oliveira.

*Arsenal* — Major Heitor C. Borges.  
*C. Deputados* — Coronel Moreira Guimarães.  
*1º R. Cav.* — Capitão J. Furtado.  
*13º R. Cav.* — 2.º Tte Sylvestre Mello.  
*1º Pol. Est.* — 1.º Tte José Bonifacio de S. Pinto.  
*1º E. Trem* — 2.º Tte Cedar Marques da Silva.  
*1º R. A.* — 1.º Tte Manoel de B. Lins.  
*Grupo Ob.* — 2.º Tte Fiuza de Castro.  
*1º Bat. Art.* — Cap. F. Escobar de Araujo.  
*2º Bat. Art.* — 1.º Tte Odilon A. de Araujo.  
*Imbuhy* — Cap. Luiz Lobo.  
*1º Bat. Eng.* — Tte Procopio de Souza Pinto.  
*Comm. Fortificação* — 1.º Tte J. Francisco Duarte.  
*E. M.* — Realengo, 1.º Tte Luiz M. de B. Fournier.  
Aspte Onofre G. de Lima.  
*E. E. M.* — Praia Vermelha, 2.º Tte J. Mello.  
*Coll. M.* — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.  
2.º Tte Maximiliano Fonseca (interino)  
*Casa Militar* — 2.º Tte Euclides da Fonseca.  
*Fabr. Realengo* — 1.º Tte F. A. B. Bittencourt (ex).  
1.º Tte Freire de Vasconcellos.

## Fóra do Rio de Janeiro

*50º Caç.* — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.  
*53º Caç.* — Lorena, 1.º Tte Mauricio J. Cardozo.  
*10º R. I.* — P. Alegre, 1.º Tte J. Guêdes da Fontoura.  
*5º R. Cav.* — S. Luiz, Tte Cel Leovigildo Paiva.  
*10º R. Cav.* — S. Anna, 1.º Tte Octavio Pires Coelho.  
*11º R. Cav.* — Bagé, Tte Cel Angelino Cl. de Carvalho.  
*12º R. Cav.* — Jaguarão, 2.º Tte Carlos P. da Silva.  
*II Br. Cav.* — Alegrete, 1.º Tte Alexandre Fontoura.  
*Coll. Barbacena* — 1.º Tte Eduardo C. de A. Sá.  
*Coll. P. Alegre* — 1.º Tte Vicente da Fonseca.  
1.º Tte Alexandrino Cunha (repr. honorario).  
*S. Gabriel*, 1.º Tte Glycerio Gerpe.  
*VII Reg.* — 1.º Tte J. L. Padilha.  
*XI Reg.* — Capitão O. G. de Senna Braga.  
*XII Reg.* — 1.º Tte Amaro Villa Nova.

*3º R. Art.* — Cruz Alta, Major J. Caetano Pereira.  
*3º B. Art.* — 1.º Tte Serôa da Motta.  
*4º B. Art.* — Obidos, Cap. Philadelpho Cunha.  
*5º B. Art.* — Pará, Cap. R. F. de Vasconcellos Leão.  
*6º B. Art.* — Bahia, Tte Cel Pimenta.  
*7º B. Art.* — Ipanema, Tte Felisberto Leal (ex).  
Tte Leovigildo Areco.  
*8º B. Art.* — Florianopolis, Major L. Cabral Teive.  
*9º B. Art.* — Rio Grande, Tte Sylvio Schleder.  
*16º Grupo* — Tte Leunam Ribeiro.  
*18º Grupo* — Bagé, Major Wiedemann (ex).  
Tte Salvador Obino.  
*Fabr. de Piquete* — 1.º Tte Antonio R. de Rezende.  
*Carta Geral* — 1.º Tte Raymundo Sampaio.  
Cap. J. Eduardo Pfeil (ex.)

EM vista das difficuldades para obtermos cobrador idoneo, pedimos aos Srs. assignantes avulsos do Rio de Janeiro, que cada um engendre um meio de quitação, por exemplo: — Caixa 1602 — ou — Tte Leitão, 52 Caçadores — ou — Tte Klinger, 1.º Regimento de Artilharia — ou — Papelaria Macedo Rua da Quitanda 74. — *Assignaturas*: Semestre 5\$000, anno 10\$000. Pagamento adiantado.



# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

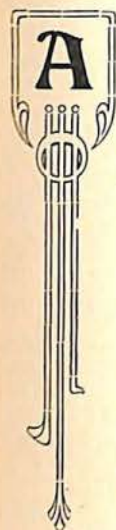
Redactores — Tenentes: BERTHOLDO KLINGER, J. DE SOUZA REIS e F. DE PAULA CIDADE

N.º 15

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1914

Anno II

## EDITORIAL



EXECUÇÃO do serviço militar obrigatorio, trazendo á caserna, em épocas fixas, os contingentes dos conscriptos, fará desaparecer da tropa os inconvenientes que se prendem ao actual recrutamento, mas não basta para lhe dar o aspecto marcial e a efficiencia que todos desejamos.

Sanado esse mal, que se resume na incorporação irregular e insufficiente de hoje, outros males, agora encobertos por elle, se tornarão flagrantos e assumirão uma importancia que actualmente ninguém lhes empresta. A acção do tempo irá pondo-os á mostra, e só a continuidade dos esforços para augmentar, cada vez mais, o valor da tropa, poderá corrigil-os.

Quando os homens forem incorporados em um só dia e tenham saude e robustez physica, não haverá mais como attribuir aos pequenos effectivos e á má qualidade dos recrutas, o aspecto bisonho, a falta de compostura militar e a pouca efficiencia para o combate, que caracterizam o nosso soldado de hoje. A instrucção poderá fazer-se normalmente em todos os seus tramites, desde o ensino individual até á escola das unidades, e é a nós officiaes que cabe vencer, pelo trabalho e pelo estudo, a delicada tarefa que o regimen da conscripção nos impõe, para que a

tropa se apresente com a instrucção e o aspecto marcial peculiares aos bons exercitos.

Com a execução do sorteio, pesará sobre nós uma grande responsabilidade, serão postos á prova nossa competencia profissional e nosso amor ao serviço e é preciso — para honra nossa e do Exercito — que nos saiamos bem dessa difficil empreza. E só o alcançaremos fazer, se a nossa acção se pautar por um extremado **culto do dever**.

E' preciso, por isso, que nos dediquemos aos mistéres profissionaes como a um verdadeiro sacerdocio, mostremos á Nação que podemos ser os depositarios de sua confiança, na honrosa e ardua missão de preparar a mocidade brasileira para a defesa da Patria, e que temos essa energia moral com que, por entre mil vicissitudes, se conduzem tropas á victoria.

O serviço militar obrigatorio é um grande bem e uma medida indispensavel á Nação e é preciso que não redunde num mal para o Exercito.

Nós teremos que enveredar resolutamente pelo caminho do *cumprimento do dever profissional*. E essa expressão não traduz uma aspiração theorica, de sentido vago, a que se possa dar uma significação mais ou menos elastica, de modo a nos acharmos sempre quites com as nossas obrigações... Ella traduz, antes, um facto concreto, de facil constatação, a que se podem traçar precisos limites.

Para os officiaes arregimentados, sobre os quaes recahirão, em maior parte, o tra-



balho e as responsabilidades inherentes ao serviço militar obrigatorio, o *cumprimento do dever* abrange quesitos faceis de salientar.

**Cumprir fielmente** o horario da instrucção e observar um programma previamente estabelecido.

Ahi estão condensadas duas necessidades primordiales, a 1.<sup>a</sup>, que não se sente hoje porque os homens ficam indefinidamente nas fileiras, a 2.<sup>a</sup>, que é humanamente impossivel satisfazer enquanto não está fixada uma época de incorporação, portanto de inicio do ensino progressivo.

O cumprimento fiel do horario subentende a rigorosa pontualidade tanto no inicio como no termo das sessões de instrucção. Além de ser uma imposição da educação militar e civil, considere-se que si fosse possivel reduzir as horas de instrucção, melhor fôra diminuir o tempo de serviço, baixar esse imposto pago pelo conscripto que vem á fileira expressamente para receber instrucção.

E por mais respeitavel que seja esse interesse individual de reduzir ao minimo o tempo sacrificado ao preparo militar, acima d'elle estaria o da propria Nação — mórmente da nossa, cuja capacidade economica só lhe permite manter um pequenissimo exercito permanente: quanto menor pudesse ser a duração do serviço tanto maior numero de cidadãos poderiam ser preparados no mesmo espaço de tempo, tanto mais rapidamente obter-se-ia a necessaria reserva de homens preparados para a defesa do paiz.

**Estudar constantemente** os regulamentos, applical-os sem discrepancia, e exigir dos subordinados o cumprimento rigoroso do que lhes houver sido ensinado, sendo inflexivel na repressão das transgressões.

Si fosse admissivel para cada instructor ou para cada corpo um systema proprio, um processo especial de ensinar e de resolver assumptos identicos de instrucção, não seriam necessarios os regulamentos. Taes compendios destinam-se

precisamente a uniformisar a conducta de todas as fracções do Exercito, condição indispensavel para a sua unidade de acção.

Assim, nada impede que n'um caso de duvida se consulte immediatamente o regulamento, mesmo á vista dos subordinados. Isso não desabona. O que desabona e é uma falta grave — é ensinar errado só para não parecer que não se sabe.

No periodo de transição que atravessamos, em que, ao cumprimento do dever, falta em geral a sancção superior, é preciso que aquelles que expontaneamente revelam a noção da honestidade profissional não fraquejem ante a resistencia de certos superiores, nem ante a maledicencia dos preguiçosos.

Ao lado dessa conscienciosa applicação do official como instructor e educador, preparando os homens que a Nação lhe confiou para tornal-os seus efficientes defensores, este mesmo dever apresenta um aspecto indirecto: aproveitar as horas vagas — é preciso tel-as, engendral-as — para o **seu proprio aperfeiçoamento profissional**. Esse trabalho, graças ao resultante alargamento do horizonte do saber militar, melhor habilita o official para o desempenho do magisterio, ao mesmo passo que é uma estricta obrigação sua para com a Patria: manter-se na altura das funcções de seu posto, sem se esquecer do desempenho eventual de funcções mais elevadas.

*Leitão - Illinger*

\*\*\*

A subscrição cujo resultado começamos a publicar apresenta duas contribuições dignas de especial registro.

Uma é da casa Haupt & Comp., que por um seu representante, insistiu tanto com o Sr. General Vespasiano que S. Ex. teve de acceitar a offerta que consta da lista do gabinete ministerial.

Outra é a dos hospedes do *Hotel das Thermas*, em Poços de Caldas, angariada pelo Sr. Capitão de corveta Theodoro Jardim, applaudindo «o gesto brilhante» d'A *Defeza Nacional* que «lançou esse dever entre todos os militares».



## Ministerio Gaetano de Faria

A *Defeza Nacional* cumpre um elementar dever de gratidão tornando publico o seu agradecimento pelo continuado e valiosissimo concurso com que sempre a distinguio o illustre divisionario, em bôa hora elevado á gestão do Ministerio da Guerra.

Desde seu apparecimento, esta Revista contou não só com o decidido apoio material — já proporcionando a impressão das "Cartas sobre a tactica" do general Griepengerl, já facultando a preparação de *clichés* nas officinas do Grande Estado Maior — mas tambem com a preciosa collaboração do Sr. General Faria.

Com os seus memoraveis artigos emprestou S. Ex. um valor muito elevado a estas paginas, decorrente não só da sua reconhecida autoridade profissional, como da responsabilidade inherente ao seu cargo. Os trabalhos publicados nos ns. 2 e 4 "Actualidade Militar", Editorial do n. 4, n. 6 "Campos de instrucção", n. 9 "Quadro supplementar", explanam magistralmente uma serie das mais urgentes necessidades do nosso Exercito, e a recapitulação que sobre esta materia fizemos no Editorial do nosso numero ultimo, podia ser inteiramente subscripta por S. Ex., como synthese que é desses seus estudos.

O Exercito deve pois estar confiante na acção de S. Ex., conhecedor perfeito dos nossos males, sabedor evidente de seus remedios, e sobretudo — tanto quanto permittam os recursos — firmemente desejoso de cural-os, como affirmou de fôrma inequivoca por occasião de sua posse.

*Klinger.*

### Ainda o novo R. T. A.

Sob o titulo acima, recebemos do nosso prezado camarada e collaborador capitão Castro e Silva um *retruque* ás explicações dadas pelos autores do R. T. A. 1914, no n. 14. Sendo um trabalho que não pretende contribuir para maior elucidação dos casos aventados, e pela nossa premente falta de espaço, deixamos de publical-o.

Ha porém no artigo um ponto que devemos consignar: «Os autores do R. T. A. 1914 laboram em erro» quando affirmam que o Projecto de R. T. A. de 1910 (Castro e Silva — Souza Reis) não é official. Esse Regulamento foi approved e mandado adoptar por Aviso n. 1023 de 8 de Junho de 1910.

*Klinger.*

## LEI DE PROMOÇÕES

### III

**Sumario:** A promoção ou accesso sob o ponto de vista do interesse do Estado — Outras razões e justificações para a modificação da actual lei de promoções — Preceitos constitucionaes a serem observados.

E' um facto incontestavel, de que toda promoção ou accesso requer, a par da benemerencia do acto, idoneidade e competencia para o perfeito desempenho da nova categoria a exercer, e implica o preenchimento de um claro em um quadro de serviço publico, seja este inherente a funcção civil ou militar.

Toda promoção ou accesso, portanto, dá-se em virtude de uma necessidade do serviço publico, devendo ser feita a escolha para o provimento dos cargos, mediante certas e determinadas condições, tendo em vista, em primeiro lugar, os interesses do Estado. Nestas condições, ella não deve ser caracterisada só pelo facto do individuo pertencer a um quadro do serviço publico. A simples antiguidade de posto ou cargo, desde que não haja exercicio da funcção, não deve constituir elemento unico para uma promoção ou accesso, porquanto, isso seria, ou por outra, será sempre a causa da desorganisação dos serviços geraes do Estado, pela facilidade da obtenção de uma honraria, commodamente adquirida.

Esse criterio, além de ser um incentivo ao abandono da funcção profissional, é tambem uma iniquidade aos que nella moirejam e que têm sobre si todas as responsabilidades.

Infelizmente, tem sido essa a norma de acção em casos taes.

No nosso meio militar então essa situação se desvenda de um modo entristecedor, e, si continuar a prevalecer semelhante systema, facilitando-se a obtenção de accesso aos postos hierarchicos, sem nenhuma prestação de serviço profissional, só pelo facto de pertencer ao quadro do Exercito, e por força da fatalidade do tempo decorrido, jamais haverá estímulo, o Brazil será sempre prejudicado em sua efficiencia militar e assim nullo o seu elemento de segurança.

Para comprovar essa asserção basta expor o seguinte: Em consequencia da



facilidade em ser permittido o afastamento de officiaes das fileiras do Exercito, para exercerem commissão, emprego ou funcção estranha ao serviço militar, sem perda alguma de vantagens, a não ser unicamente a gratificação que é menor que o soldo, acham-se os corpos sempre desfalcados daquelles elementos, causando isso prejuizos ao serviço e embaraços á organização da tropa.

Si por qualquer circumstancia houver necessidade de ser feita uma mobilisação, essa situação precaria por falta de effectivos se accentua então com todos os detalhes como tem acontecido, mostrando assim a nenhuma efficiencia das forças destinadas á defesa da Nação, o que constitue um serio perigo.

As autoridades superiores do Exercito têm luctado sempre com mil difficuldades para melhorar esse estado de cousas e ficam mesmo em serios embaraços quando têm de resolver um dos mais importantes problemas da guerra — a *mobilisação*.

A' falta de uma lei, que possa tirar-as dessa critica situação, recorrem então as nossas autoridades ao unico meio disponivel nesses casos, transferindo de uns para outros corpos os officiaes precisos para o completo da força expedicionaria, que assim segue com os effectivos normaes, porém, sem a cohesão necessaria, desconhecendo os officiaes o gráo de instrucção de seus subordinados, não havendo, portanto, unidade de doutrina tão util e importante, como sabemos, para o perfeito desempenho da missão. Entretanto, officiaes e praças assim organizados, procuram por todos os meios cumprir fielmente o dever militar, porque acima de tudo está o *brío*, virtude essencial do verdadeiro soldado, que compensa em parte, as condições pouco lisongeiras para o exito da empreza que lhes está affecta.

Preparada desse modo a expedição, ella parte a destino entrando em acção. Após enormes difficuldades e contratempos que causam verdadeiro martyrio, ella chega a seu termino. Victoriosa ou vencida, cumpriu o seu dever.

O quadro que se nos antolha, entretanto, é desolador. Não foi só a metralha inimiga que ceifou vidas preciosas ou aleijou entes queridos. Além desses, temos tambem que lamentar as perdas occasionadas pelas enfermidades contrahidas durante as marchas e estacionamentos, ge-

ralmente feitos por invios sertões e campos aridos, onde tudo é desolação, sujeitos ainda á inclemencia do tempo, tudo emfim, concorrendo para augmentar o morticinio e a invalidez por alguns annos ou para sempre, de muitos paes de familia, irmãos ou filhos extremosos.

Eis o quadro a que estão sempre expostos os officiaes em serviço activo profissional, quando nessa situação. Pois bem, em virtude das perdas havidas, abrem-se diversas vagas. Essas vagas, entretanto, não vão tocar como de justiça, unicamente aos officiaes expedicionarios ou aos que estão em serviço activo, promptos a substituil-os, porque infelizmente não occupam os numeros *um* ou *dois* do quadro de seus postos; essas vagas pertencem, as mais das vezes e até por merecimento, a officiaes que estão fóra do serviço, em funcção, emprego ou commissão estranha á profissão militar e que talvez chegassem aquella collocação no quadro, já tambem pelo infortunio de outros seus camaradas, mortos ou invalidados em accidentes de serviços nos corpos de tropa ou em funcções technicas militares.

De modo que o serviço de segurança da Nação, soffre os embates occasionados com o afastamento de elementos constitutivos de sua organização militar; a soberania e independencia patria periclitam pela pouca ou nenhuma efficiencia da força destinada a guardal-as; entretanto, esses elementos que assim põem em jogo os destinos de uma nacionalidade, são ainda recompensados em igualdade de condições, como os demais que se acham em actividade profissional, promptos a todo momento, para tudo sacrificarem em cumprimento do dever.

Não póde haver maior iniquidade e injustiça mesmo do que essa que acabamos de expor e a que estão sujeitos os officiaes da activa, em relação aos que della se affastam para exercerem funcções não militares.

Isto, entretanto, acontece porque a *regulamentação* da lei de promoções em vigor, manda contar *para todos os effectos*, o tempo passado em situações diversas em que se encontrar o official do Exercito.

Ora, em relação a essa contagem de tempo, pensamos, que ella devia ter logar *sómente* quando o official exercesse uma funcção publica tal, que se relacionasse com os serviços geraes da Nação, não



atingisse os de character particular e de interesse unico para o individuo.

Esse tempo, porém, seria apurado, *unicamente* para a reforma do official, como uma compensação ao esforço empregado no exercicio de uma função publica. Si nessa função, lhe for permitido o accesso do cargo, desde que não fira direitos de terceiros, que o tenha por lá. Agora, subir na escala hierarchica militar, sem prestação de serviço profissional, sem responsabilidade alguma, só porque attingio o numero *um* do quadro de seu posto, é matar o estímulo da collectividade, é contribuir para que outros procurem essa situação abandonando as fileiras, é prejudicar a efficiencia militar, é emfim sobrecarregar os encargos da Nação com as reformas que futuramente se darão em postos altos da hierarchia, sem a compensação do serviço prestado no meio militar.

Parece-nos entretanto, que não é isso o que determina a nossa Constituição Federal. Eis porque anteriormente dissemos, haver completa desharmonia entre ella e a nossa lei de accesso.

A reforma dessa lei é, portanto, inadiavel e urge que se faça, pondo-a de accordo com o texto Constitucional.

Partindo deste ponto de vista, a nova lei de promoções, deverá ser encarada pela necessidade contida no artigo 14 de nossa Carta, que considera «as forças de terra e mar instituições nacionaes *permanentes*, destinadas á defesa da patria no exterior e manutenção das leis no interior».

Lembraremos entretanto que essa *permanencia* só poderá ser mantida, desde que todos os órgãos constitutivos daquellas instituições estejam sempre promptos a agir, nada prive ou prejudique o seu *désideratum*. A condição de permanencia no meio militar, deve constituir portanto, a norma de acção principal para serem por ella apurados os serviços prestados.

Em seguida, deve ser attendido o preceituado nos artigos 72 § 2º e 75 e por ultimo a disposição consignada no numero 3 do § 1 do artigo 23, de modo que a nova lei, seja de facto, justa, equitativa, de vantagens para a estabilidade da segurança da Nação e ampare realmente os que dispendem as suas energias directamente para isso.

Pelo § 2º do artigo 72, as exigencias da prestação de serviços devem ser iguaes

para todos; nenhum official poderá ser dispensado. Esses serviços, porém, precisam ficar claramente especificados na lei, mediante certas condições, que comprovem o grão de *capacidade especial* para o perfeito desempenho da nova categoria a exercer segundo preceitua o artigo 73.

Quanto ás «promoções *legaes*», de que trata o nº 3 do § 1º do artigo 23, dispensadas aos militares com assento no Congresso e *unicos*, a quem a Constituição permite accesso fóra da profissão, devem ellas, ficar restrictas ás mesmas condições estabelecidas para os demais, quanto aos serviços, de modo a ser respeitado o principio de igualdade, e satisfeita essa excepção. Repetiremos portanto, o que já dissemos anteriormente. O official eleito membro do Congresso, só poderá ser promovido si possuir os requisitos *legaes* para o accesso; não os possuindo, essa promoção não tem razão de ser, por contrariar a propria excepção do artigo 23 que requer a condição *legal* e que só terá esse character si não se afastar do estatuido no § 2º do artigo 72 e do 73, tudo da nossa Constituição Federal. Demais, ainda lembraremos mais uma vez que esse artigo 23, é quasi interpretativo, ou por outro, define em parte, a condição de independencia de que nos fala o artigo 15 da mesma Constituição.

Ora, desde que não haja um limite ou condição para as promoções de membros do legislativo, ellas, segundo o grão de sympathia ou antipathia do Poder Executivo para com aquelles membros, ficarão sempre sujeitas a oscillações bem prejudiciaes.

Ha, portanto, necessidade em ser regulamentada essa parte, sendo a sua solução, a que acima expuzemos.

Eis ahi, especificados, os preceitos Constitucionaes a serem observados na elaboração da nova lei de promoções para o Exercito.

Si desejamos de facto melhorar a situação militar de nossas forças de terra, devemos não esquecer a parte relativa á organização dos quadros de officiaes, collocando á testa das diversas unidades pessoal idoneo e que faça de sua profissão o seu verdadeiro magisterio.

Si nobre é toda e qualquer missão ou função estranha á profissão militar, desde que contribua para o engrandecimento do Brazil, nobre tambem é, e de



grande alcance social, a que se dedica á manutenção da sua soberania, independência e integridade, pois sem estas nada valerá aquelle esforço, que desaparecerá pelo aniquilamento da Unidade Nacional.

**Hermenegildo Augusto de Seixas**

Capitão de Artilharia.

## O CAVALLO DE GUERRA

### D'uma Conferência do T<sup>te</sup> Cel Assis Brazil

Depois do successo esplendido alcançado em Santa Maria no 3º Congresso de Criadores deste Estado pelas ideias de que fui portador, por solicitação da mui patriótica «União dos Criadores», representada na sua esclarecida directoria, sobre a possibilidade da regeneração da nossa antiga, boa, pura e rustica raça cavallar creoula pelo cavallo puro sangue arabe oriental; depois das deliberações ultimamente tomadas pelo honrado Presidente do Estado de accordo com a sabia orientação da «União dos Criadores», no sentido de regenerar-se a nossa raça cavallar creoula, produzindo não só o cavallo para todos os usos praticos, mas ainda o cavallo de guerra, factos que muito bem conheceis, porque o que diz respeito a elles já foi publicado nos jornaes diarios desta capital; depois da prova pratica que têm dado os criadores — de estar de accordo com as conclusões da minha these defendida em Santa Maria, não só repellindo idéas outras que a tal respeito aqui têm procurado se intrometer, algumas vezes apadrinhadas infelizmente por nomes caros para todos nós, como ainda procurando introduzir já no nosso querido torrão um grande numero de reproductores cavallares de ambos os sexos dessa unica raça capaz de regenerar a nossa; parece que nada mais me restaria a fazer, sinão estar aparelhado para dar cabal desempenho á alta e honrosa missão que o digno Presidente do Estado está prompto a commetter-me.

Eu tenho, entretanto, ainda alguma cousa a dizer-vos.

Tenho pontos a elucidar, principalmente depois que, como pessoa muito autorisada, notadamente pelo facto de ser estrangeiro, aqui se fez ouvir o Sr. Plantade.

Tenho ainda opiniões a emittir sobre a transformação porque vae inevitavelmente passar a pecuaria rio-grandense; cousas todas para as quaes chamo muito particularmente a attenção do governo e dos creadores deste Estado.

Na minha dissertação, que já conheceis, feita perante o 3º Congresso dos Criadores em Santa Maria, falou a minha palavra proferida ha 16 annos e repetida pelas trombetas do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de cujas columnas a fui buscar ha pouco, destacando para a sua constituição apenas esses tres artigos (que mais não contem), da serie de vinte e seis que então alli estampeí.

O meu intuito, que penso ter alcançado, foi demonstrar aos que me lerem, que o que eminentes creadores, zootecnistas e officiaes argentinos estão a dizer hoje em uma especie de polyanthéa que se intitula — «Contribucion al mejoramiento del caballo para usos practicos», e por outros meios, eu já havia dito desde 1894, anno em que tive a honra e a felicidade de ver approvadas pelo inolvidavel Marechal Floriano Peixoto, então presidente da Republica, em memorial que lhe apresentei, as mesmas idéas que em fins de 1898 largamente defendi pelo *Jornal do Commercio* tendo em 1896 feito já muita cousa no mesmo sentido pelas columnas d'O Paiz.

Nessa polyanthéa, em que escrevem homens como Carlos Guerrero, Ricardo Hogg, Diego Brodriz, General Napoleon Urriburu, General Benjamin Victorica, Overo Rosado, dr. Jorge Kreyenbieth, R. Bahlcke, Thomas R. Garcia, Coronel Carlos M. Fernandez e Paul Fournier, o pensamento geral se resume nesta magnifica synthese, haurida a alguns periodos do preambulo:

«Las opiniones emitidas por jefes, officiales y zootécnicos ingleses, sobre los caballos argentinos que actuaron en la guerra anglo-boer, poco satisfactorias, y las netamente adversas emitidas despues, tanto en Italia como en Francia, ponen en evidencia que nuestros caballos mestizos no tienen aplicacion en aquellos paises, ni la tendran mientras nuestros criadores de equinos sigan las sendas equivocadas, que han tomado en su mayor parte.

«Ocorre con estos criadores algo muy distincto de lo que pasa con los de bovinos e ovinos. En estos se observa una orientacion, mientras que en aquellos sólo se nota la confusion y el desorden, que han dado por resultado una produccion de caballos poco menos que inservible, que ahora todos lamentamos.

«Entre la inmensa mayoria de los criadores de bovinos se observa que se han especializado cada uno, en la raza de su preferencia. Asi los criadores de Durham se dedican exclusivamente á esta variedad, y con los de Poled-Angus y Hereford sucede otro tanto, con esta particularidad; que aquellos que se dedican al cultivo de qualquiera de estas razas, la consideran superior a las otras, discuten apasionadamente esa superioridad e repelen hasta la menor insinuación de cruzar sus animales con los de otra raza.

«Algo semejante ocurre con los criadores de ovinos, que en su principio todos lo fueran de merinos Rambouillet, hasta que cambios en la industria manufacturera de tejidos de lanas, y demanda exterior de carne, hicieron que la inmensa mayoria de esos criadores modificaran sus rebaños, cruzandolos con carneros Lincoln, para satisfacer las nuevas exigencias industriales y sus conveniencias pecuniarias.

«En el cultivo de ambas especies hay, como antes se ha dicho, una orientacion, un trabajo metódico y ordenado que conduce a un fin, que unos han previsto y otros han seguido por espirito de imitacion, marchando todos por un camino y rumbo común.

«Con la especie equina ha sucedido todo lo contrario: sus criadores han procedido á ciegas, sin ideas zootécnicas al respecto, ni conocimiento alguno de las razas y de sus mestizos que eligen para cruzar con nuestra raza criolla.

«Debido a esta falta de criterio, hemos visto desfilar por nuestro pais ejemplares de reprodu-



ctores de quantas razas caballares cultivadas existen en el mundo y de sus mestizos, hechos traer por nuestros ganaderos, para ir desechar-dolos á medida que iban conociendose sus productos negativos, reemplazando á los reproductores desechados por otros que daban los mismos o peores resultados.

«De esta confusão de cruzamientos y mesti-zamientos en la cria caballar resulta: que actualmente no tengamos un tipo definido de cavallo, salvo algunos derivados de cruzamientos ben dirigidos, de outros, criollos, que han salvado del naufragio de esta raza irremplazable, y algunos de otras razas que se han conservado puras, como la inglesa de carrera, favorecida por los hipódromos y los precios exorbitantes que por sus productos pagan los aficionados al juego de las carreras.

«Fuera de estos, en general, sólo se ve caballos deformes, unos con el cuerpo voluminoso de un percheron parado sobre las patas de un cavallo de carrera, y otros á la inversa; por comparacion podriamos decir que—unos hacen el efecto de automóviles con ruedas de bicicletas, y otros de bicicletas com ruedas de automóviles.»

Ademais deste preambulo, eu pudéra referir-vos as palavras e citar-vos os factos verdadeiramente eloquentes e incontestaveis com que cada qual daquelles escriptores defende entusiastica e patrioticamente as altas qualidades do cavallo crioulo, que, servindo para arrastar nma zorra encimada de uma pipa d'agua, serve tambem para vencer na resistencia, como, de facto, já venceu de Vienna a Berlin, a todas as raças *não pelludas* que na Europa se tem cuidadosamente creado com o sentido na guerra.

Não me estendo, porém, nestas citações assás interessantes, porque brevemente, segundo estou informado, vos vae dar sciencia de todos esses trabalhos pela imprensa desta Capital, um dos espiritos mais esclarecidos, um dos esteios mais forçosos em que se apoia a pecuaria rio-grandense, o sr. Delfino M. Riet, vice-presidente da «União dos Criadores».

Vou, entretanto, narrar-vos alguns factos, não menos interessantes, do meu conhecimento e do meu tempo.

Por 1878 commandou o 1º regimento d'artilheria a cavallo o então coronel Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, mais tarde barão de Batovy. Militar mais politico do que soldado, o coronel Gama, durante os dois annos do seu commando, só foi duas vezes ao seu Regimento! E, como casa que não tem gato tem muito rato, o glorioso 1º regimento de artilheria que no Paraguay fazia *fogo de horror* sob o commando do tenente-coronel Emilio Mallet, transformou-se numa quadrilha de bandidos, que mais tarde muito trabalho deram ao energico coronel Felinto para os transformar de novo em soldadesca disciplinada e submissa.

Nesse tempo, um soldado daquelle regimento ensilhou um reûno que pegou no pateo do quartel e, depois de haver respondido á revista das seis da manhã, montou a cavallo e seguiu para a villa do Rosario.

Recebendo o coronel um telegramma do Rosario em que se lhe communicava que o soldado Geronymo, do seu regimento, alli espaldeirára a um seu inimigo, atirando-se a nado no Santa Maria, perseguido pela policia, mandou saber no

quartel si Geronymo alli se achava ou não; ao que respondeu o official d'estado-maior, dizendo que Geronymo respondera á revista das seis da manhã, tendo faltado á do meio-dia. A' revista das seis da tarde, porém, Geronymo estando na fileira, o official perguntou-lhe onde estivera que faltára á revista do meio-dia; ao que o soldado respondeu, dizendo que, sentindo-se encommodado depois do almoço, se recolhera ao seu rancho na aldeia do seu regimento, onde pegára no somno, faltando á revista.

Este facto, que eu contei ha pouco, de uma das janellas do Hotel Lyon, em Santa Maria, a diversas pessoas, afim de mostrar o que foi o cavallo crioulo ha quarenta annos, isto é, antes que aqui houvesse penetrado a praga do cavallo inglez, que alguns possuidores dessa mercadoria nos querem impingir como o regenerador irrecusavel do nosso crioulo, foi confirmado por um ex-soldado daquelle tempo que, ouvindo o meu caso com interesse, publicamente disse ser verdade tudo quanto eu referira.

Ora, todos vós sabeis que de S. Gabriel ao Rosario ha dez leguas de distancia; portanto esse reûno, nutrido só a capim da Invernada do Regimento, fez, depois das seis da manhã até antes das seis da tarde, vinte leguas e duas vezes nadou de barranca a barranca o Santa Maria, que ainda hoje não tem ponte naquelle lugar, tendo, entretanto, cerca de duas quadras de largura.

E' assombroso, senhores, o que fez esse reûno, talvez pegado aguachado.

Mas, vós sabeis o que era o reûno, o cavallo de guerra no tempo da monarchia?

Era o refugio das estancias. O cavallo velho, o lumanco, o ovado, o gavião, o caborteiro, o quebrado das cruces, o cuerudo, o empacador, o desbocado, o vicioso de qualquer balda, o aporriado, tudo, enfim, quanto havia de refugio nas estancias era vendido ás commissões militares para reûnos; e estas compravam o que se lhes apresentava, porque «não pagava mesmo a pena» entregar outra coisa a soldados! Pois foi um de taes cavallos, meus senhores, que fez aquelle prodigio de resistencia, que contado hoje, até parece mentira.

Agora mesmo, senhores, apezar da sua inferioridade comparado com o cavallo de quarenta annos atraz, o nosso cavallo creoulo é preferido pelos bons cavalleiros aos mestiços inglezes, que na opinião da grande maioria dos criadores do nosso Estado, tem sido o maior factor da sua rapida degeneração. Só maturrangos, só homens incapazes de exigir do cavallo crioulo aquillo que elle lhes pode dar, podem ter opiniões contrarias ás que venho fundamentando, que são incontestaveis.

O cavallo creoulo nos outros Estados do Brazil não é peor do que o nosso. Podemos mesmo dizer que em muitos delles, talvez pela menor quantidade, o cavallo é melhor do que o nosso.

O cavalio de Pernambuco, por exemplo, é melhor do que o nosso; e o *matuto* pernambucano, no que diz respeito á criação e educação do cavallo, é mais adeantado do que o *gaúcho* rio-grandense.

Além disso, o sertanejo pernambucano ama o cavallo mais do que o nosso gaúcho.

Nós podemos dizer que o gaúcho não trata bem, nem mesmo ao cavallo chamado *de estima-*



ção; ao passo que o mattuto pernambucano, só pelo amor ao cavallo, torna-se ladrão delle. O desejo de cavalgar um bom animal é tão intenso no sertanejo pernambucano que elle, á vista de um cavallo bom, esquece todos os juramentos que tenha feito de «nunca ser ladrão de cavallos», e lá vae a pé, escondido pelo matto, ás vezes vinte leguas distante da sua casa, para tirar da sôga aquelle formoso animal, no momento em que o seu proprietario está no melhor do somno.

O nortista só castra o seu cavallo quando elle é *chotão*, isto é, cavallo de trote, no qual caso elle toma o nome de *quartão*, que talvez corresponda ao nosso *matungo*; e é destinado á cangalha.

Na parte do Brasil que nós chamamos Norte, isto é, de Santa Catharina até o Pará, sem exceptuar Minas, Matto-Grosso e Goyaz, todo o homem que se preza só monta em cavallo marchador.

Em Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte, etc., o cavallo de marcha tem o nome de *cavallo fino*. E, de facto, assim é, porque esse cavallo, que é muito bem tratado, póde fazer, e communmente faz, vinte, vinte e cinco e mesmo trintas leguas de sol a sol, em terrenos bem accidentados.

O cavallo fino geralmente vae do alto ao baixo. Diz-se então que *tem habilidade*.

O passo de marcha é o andar habitual desse cavallo, que pode desenvolver, sem sahir da marcha tres velocidades que se chamam — *baixa*, *meia* e *alta*. Entre essas tres velocidades ainda ha gradações; de sorte que, empregando-as a proposito, segundo os terrenos a percorrer, o nortista, que é senhor do cavallo, póde fazer nelle folgadoamente jornadas de vinte leguas.

Mas, si o *cavallo fino* é assim bom, o *quartão* não é menos.

Mettido, quasi escondido, debaixo de dois fardos de algodão, cada um dos quaes tem de 5 a 6 arrobas, o quartão caminha 8 a 10 leguas por dia, levando muitas vezes a sobrecarga do almocreve que o cavalga, grimpendo-se-lhe pelos garções. Esta mesma enorme carga é muitas vezes augmentada com a de outro tropeiro, que com o primeiro vae jogando o 9, cada qual assentado no seu fardo de algodão.

Mas, senhores, 8 arrobas é a carga dos dos nossos muares. Não é, portanto, assombroso que o *chotão* do Norte, o cavallo desprezível para o cavalleiro, possa viajar com o dobro daquella carga?

E estes dois typos de cavallos são perfeitamente crioulos como o nosso; têm, como elle, a mesma origem ancestral.

Por toda a parte onde se encontra o cavallo crioulo, elle é muitissimo apreciado, como resistente e sobrio, calmo e soffredor, rustico e corajoso, capaz de supportar todos os máos tratos, sempre são de pés e mãos, raramente accessivel a pestes e achagues, prestimoso até a idade de 25 a 30 annos, em que desaparece vencido pela fatalidade terrestre, deixando impressa na memoria dos que se utilizaram dos seus prestimos o agri-doce sentimento da saudade.

Mas não é só entre os homens de intelligencia cultivada que o nosso cavallo crioulo é apreciado: na opinião valiosa do homem rustico, quer se trate do camponez, quer do homem da cidade, cuja vida se passa em contacto com o

cavallo que, não raras vezes, é o escravo que lhe ganha o pão de cada dia, o cavallo creoulo vale mais do que qualquer outro cavallo, por grande, tormoso e fino de raça, que seja.

Tendo vivido muitos annos no Rio de Janeiro, onde sempre me prestei a educar cavallos, de graça, fosse para quem fosse, travei relações com todas as camadas sociaes, desde a mais alta aristocracia, até a infima classe de tilbureiros e carroceiros. Estes, principalmente, a *uma voce*, me disseram sempre — «preferimos o cavallo creoulo, porque sendo mais barato, é melhor do que os mestiços de outras raças, sob todos os pontos de vista: resiste ao tempo, emenda, a trabalhar, os dias com as noites; qualquer cocheira lhe serve; qualquer forragem, mesmo ordinaria, o sustenta; não é baldoso; não adoeece; não cansa nunca. E' um cavallo pequeno; não tem estampa; mas é um cavallo de ferro.»

Mais ou menos isto disse-me ha pouco, em Santa Maria, o Sr. João Chagas, intelligente fazendeiro do municipio de S. Gabriel.

«Crio na minha estancia, disse-me elle, mestiços de inglez de carreira e mestiços de arabe. Os meus peães não gostam de trabalhar nos inglezes porque, dizem elles, são asperos e não aguentam duas horas de aparte num rodeio. Preferem os creoulos, por serem mais calmos e mais resistentes. Mas, acima dos creoulos elles consideram os arabes, pela docilidade, suavidade de movimentos e maior resistencia. Impressionado com taes opiniões, um dia lhes dei ordem de me arrebitarem esses cavallos. Depois de muito trabalharem, apresentaram-se-me os peães dizendo «que estavam arrebitados, não tendo, entretanto, conseguido arrebitar aquelles cavallos que não se entregam.»

Em S. Paulo, onde fiz relações com o zootechnista belga dr. Luiz Misson, hoje brasileiro naturalisado, contratado pelo governo daquelle adeantado Estado para dirigir todos os serviços que dizem respeito á pecuaria e seu forrageamento, discreateando sobre as origens e alto valor da nossa raça cavallar creoula, disse-me elle que em França, onde fôra comprar reproductores arabes alli produzidos, zootechnistas notaveis não foram capazes de separar de entre photographias de eguas de puro-sangue arabe os cartões que elle introduzira com photographias das nossas eguas creoulas escolhidas; tão grande é a semelhança de fórmãs, que ainda subsiste, entre ellas e as suas progenitoras ancestraes.

Por sua vez, officiaes da missão franceza que instrue a policia de S. Paulo, vindo aqui comprar cavallos para a cavallaria daquella policia, a mais de uma pessoa declararam — que, si a França possuisse no seu territorio a nossa raça creoula, incontestavelmente teria o primeiro cavallo de guerra do mundo.

Deixemos, porém, esta ordem de exemplos, mais do que sufficiente para demonstrarem que nós temos a fortuna de possuir uma preciosissima raça de cavallos, e abordemos a conferencia do sr. Plantade.

Este distincto ex-official do Exercito francez, segundo elle mesmo nol-o diz, em sua interessante dissertação sobre o cavallo de guerra, realisada ha pouco tempo no salão do theatro «Avenida» desta capital, sob os auspicios da patriotica directoria da «União dos Criadores» e com a assistencia das pessoas que compõem o



governo do Estado, muito concorreu para o exito da causa que advogamos, pela solemnidade de que se revestiu a conferencia, onde se ia ouvir a palavra autorizada de um grande zootechnista estrangeiro. O sr. Plantade, porém, começa dizendo que é engenheiro, homem dos calculos, dos numeros; e em seguida principia a cahir em contradicções e a emitir conceitos com que não estamos inteiramente de accordo.

Primeiramente a these desenvolvida pelo orador, com o intuito claramente manifesto de acreditar junto a nós a mercadoria que elle produz, ou de que é propagandista, o puro-sangue produzido na França, pôde ser considerado como composta de quatro partes: o cavallo de guerra no ponto de vista abstracto, isto é, o cavallo de guerra considerado como arma; o cavallo de guerra na França; o puro sangue existente no Planeta e especialmente em França; e, finalmente, o cavallo de guerra no Rio Grande do Sul.

Tratando do cavallo de guerra no ponto de vista geral, e, por assim dizer abstracto, o sr. Plantade é de uma felicidade inaudita e de uma precisão de conceitos, que faz honra a quem os proferiu. Elle prova com felicidade de logica que o cavallo de guerra é uma *arma de guerra*, e nos explica em seguida como em França até a gente mais ignorante sabe produzir essa arma, exactamente como os exercitos modernos a requerem.

A este respeito o sr. Plantade veio realmente prestar um auxilio á causa que advogamos.

Ha cerca de vinte annos que eu digo que o cavallo no Brasil **deve ser considerado—arma de guerra**—e, portanto, ficar sujeito a legislação especial. Mas até hoje as minhas palavras não têm sido ouvidas, não tanto por não ser eu estrangeiro, mas principalmente porque as idéas de liberdade, como já em mais de um lugar eu tenho dito, ainda não foram convenientemente interpretadas pelos nossos legisladores.

Na minha modesta opinião, *liberdade* não quer dizer—*licença*. Mas si licença é a liberdade sem limites, a verdadeira liberdade é a licença delimitada.

Assim como não ha liberdade para deixar de registrar nascimentos e obitos, para deixar os corpos insepultos ou ser enterrados em qualquer parte, para deixar de pagar impostos, para se apossar do alheio, para deixar de servir á Patria, porque taes liberdades e outras que ainda não estão consagradas viriam perturbar enormemente o governo da sociedade; assim tambem não deve haver liberdade de introduzir no paiz *quaesquer raças de garanhões exóticos* com o fim de modificar a nossa raça creoula, porque semelhante modificação viria perturbar irremediavelmente a formação do cavallo de guerra, ou do cavallo para todos os usos praticos, de que depende principalmente a nossa independencia.

Um grande passo para o exito de tão grande aspiração já foi dado pelo 3º Congresso, ha pouco reunido em Santa Maria, estabelecendo em doutrina — que a **nossa raça creoula só poderá ser modificada pelo cruzamento com o cavallo puro sangue arabe oriental**. Semelhante doutrina, nascida da união de serios estudos hippiatricos com são sentimentos patrióticos, é hoje a maior aspiração dos criadores rio-grandenses e, posso dizer tambem, do governo do Rio Grande; visto como á frente deste movimento regenerador e incomparavelmente altruistico está bem destacada a pessoa do dr. Borges de Medeiros, actual presidente dos seus destinos.

Que falta, pois, para que nada venha perturbar este salutar e necessario movimento reconstituinte do nosso cavallo? Sómente a promulgação da Lei, que, aliás, já tem a sancção popular... Falta unicamente o decreto do governo. E' preciso portanto que fale o presidente do Rio Grande, pois o Rio Grande já falou. Depois é preciso que, seguindo o exemplo do Rio Grande, fale, como ha de o fazer, o Presidente da Republica, o maior responsavel pela independencia da Patria e pelo seu progresso não pode deixar de acompanhar este nobre gesto do Rio Grande.

Nem presume alguém que eu, republicano e entusiasta de todas as liberdades, como sou, fosse capaz de querer para o meu Paiz uma *coarctação*, qualquer na sua liberdade de criar.

Como já disse, a liberdade tem limites, e só existe verdadeiramente, quando é limitada. Limitar a liberdade, traçar a cada actividade o seu preciso circulo de acção, é o que fazem os legisladores em toda a parte.

Eu seria incapaz de propôr a limitação da liberdade de criar, quanto á especie bovina, á ovina, á suína, etc.; porque qualquer carne se come, seja ella tirada de exemplares de 1.000 kilos de peso das raças Hereford, Durham, Devon, etc., ou seja dos mais rachiticos representantes do nosso gadinho creoulo; porque, para a alimentação das tropas que hão de repellir os insultos á nossa Patria, pouco importa o tamanho do boi que lhe dará forças para combater; o que não acontece com o cavallo, que, podendo a cada momento se transformar em arma de guerra, precisa ter a altura, o corpo, a coragem, as qualidades, em summa, que nós queremos dar á nossa raça creoula, pelo cruzamento com essa incomparavel raça arabe oriental.

Nem pense o honrado sr. dr. Presidente do Estado que, legislando o Rio Grande, pela maneira aqui proposta, sobre a especie cavallar dentro do seu territorio, faça coisa sem exemplo no mundo. Não. A livre Inglaterra, no sentido de manter inalteravel a pureza do seu gado gersey, na ilha que lhe dá o nome, já fez legislação identica á que aconselho, com mais fortes razões, relativamente ao cavallo.

A' pagina 358 do livro — *Le boeuf* — Morl et Gayot diz:

«Pour sauvegarder la pureté de la race insulaire, le législateur de 1789, a pris des mesures prohibitives encore en vigueur, qui défendent l'importation de tout animal reproducteur, fourreau, genisse ou veau. Des amendes et des confiscations sont édictées contre les contrevénants; les animaux sont abattus au profit des pauvres.»

O exemplo é tão animador, quão urgente a medida que acabo de propor.

Agora, srs. criadores, eu vos vou ler as palavras com que o mesmo sr. Plantade encerrou, ha dias, a conferencia que fez entre nós. Para ellas chamo toda a vossa attenção.

«Vós tendes aqui nos vossos campos uma raça nacional, excellente sob muitos pontos de vista, notavel como rusticidade, resistencia, duma muito grande qualidade, conservando os traços muito accentuados do sangue arabe que dominou na sua formação.

«Com estes cavallos nacionaes vós tendes um paiz de criação perfeito, offerecendo as maiores vantagens.

«Como clima, como situação geographica e



política, vós estaes tão bem collocados, quanto possível, para crear bons cavallos.

O cavallo de guerra nacional brasileiro sahirá dos vossos campos, quando vós o quizerdes, e se espalhará por todo o Brazil. E porque o vosso futuro cavallo de guerra não irá mais longe?

«Os mercados mundiaes em cavallos de guerra são cada vez mais interessantes, e estão abertos a todos os bons cavallos.»

Na resolução deste problema, senhores, nós não devemos enxergar sómente a questão industrial: devemos principalmente ter em vista a defesa e a independencia da nossa cara Patria.

14 de Julho de 1914.

Tenente Coronel *Assis Brazil*.

De *A Estancia* órgão dos Criadores do Rio Grande do Sul, publicado em Porto Alegre, extrahimos de seu numero de Junho a. c., o seguinte:

Exmo. Sr. Presidente do 3º Congresso da «União dos Criadores do Rio Grande do Sul».

Conclusões da VII these relativa á defesa e reerguimento da raça cavallar creoula, apresentadas pelo abaixo assignado.

1ª — A raça cavallar creoula é susceptivel de regeneração, porque é uma raça pura, bõa e antiga.

2ª — Só o cavallo de puro sangue arabe será capaz de operar essa transformação necessaria e urgente.

3ª — O cavallo de guerra de que tanto carecemos, e que é ao mesmo tempo o cavallo mais proprio para todos os usos praticos, pode e deve surgir do cruzamento das nossas egus creoulas escolhidas com o puro sangue arabe oriental

Porto Alegre, 26 de Maio de 1914. — Tenente Coronel *José de Assis Brazil*.

#### PARECER SOBRE A THESE VII

Porto Alegre, 25 de Maio de 1914.

A Commissão abaixo assignada nomeada pela directoria da «União dos Criadores» para dar parecer sobre a these «Defeza e reerguimento da raça cavallar creoula», apresentada pelo illustre sr. tenente coronel dr. José de Assis Brazil, é de parecer que o trabalho apresentado pelo distincto official é digno de ser tomado em consideração, estando a commissão solidaria com a bella exposição apresentada sobre tão importante assumpto. — *João Baptista Chagas*. — Coronel *Eurico de Andrade Neves*. — *Paulino Sá Dornelles*.

## As divisões do Exercito e sua artilharia

E' hoje idéa vencedora em nosso meio militar que a organização de nosso exercito deve ser a divisionaria, isto é, que as unidades de guerra devem estar permanentemente grupadas em divisões de exercito.

Uma vez acceito esse ponto de partida, facil é decidir das sub-divisões.

Assim como em caso de mobilisação impôr-se-á por vezes a reunião de duas ou mais divisões em uma unidade estrategica maior e outras vezes a formação de destacamentos mixtos constituídos por elementos de todas as armas de uma divisão, é preciso tambem estabelecer com toda a clareza que **não deve haver unidades mixtas permanentes abaixo da divisão**. Em outras palavras, a divisão de exercito não deve ser uma somma de brigadas mixtas, mas sim uma resultante de unidades homogeneas de cada arma.

Pretender o contrario, seria incidir nos inconvenientes da brigada estrategica. A infantaria da divisão sendo formada em duas brigadas de dois regimentos, cada um com tres **batalhões de quatro companhias**, as outras armas devem ser grupadas em unidades independentes dessas brigadas.

A proporção consagrada para a artilharia de campanha é a de um grupo de baterias para cada regimento de infantaria, sendo um dos grupos da divisão constituído de obuzeiros.

Attendendo pois ás nossas condições particulares, parece-nos que a solução mais acceitavê seria formar em cada divisão uma *brigada de artilharia*, constituída pelo regimento de tres grupos de canhões, um grupo de duas baterias de obuzeiros, e o grupo de montanha, onde houver.

Se ainda se pudésse obter para cada divisão de exercito um grupo de duas baterias pesadas...

Para tornar mais *leves* os grupos de montanha conviria constituil-os só de duas baterias, e formar com as terceiras dos grupos 19º e 20º um 21º grupo de montanha, deslocado, por exemplo para Ponta Grossa. Assim como a divisão do Rio de Janeiro tem o seu 22º Grupo de Ob., (?) nada mais facil que associar as baterias de ob. 3ª e 4ª na Divisão do Rio Grande formando o 23º G. de Ob.

Quanto aos exercicios combinados, da mesma forma que a experiencia dos seis annos de brigada estrategica tem assás demonstrado que a mistura das armas não os promove só por si — a não ser um pallido e muito louvavel ensaio tentado em Deodoro por iniciativa *deb-ixo* — tambem não se deve receiar que a independencia das armas dentro da divisão seja um obice



á sua associação. Isso não é questão de organização, é de doutrina.

Convençam-se os commandantes de todas as categorias, especialmente os da infantaria e da artilharia, de que só a co-operação das armas póde levar á victoria, e de que essa cooperação só se obtém como resultado de esforços, como recompensa de energia despendida, e veremos então amplamente cultivado o mutuo entendimento das armas-irmãs, atravez de exercicios combinados entre pequenas e grandes unidades, promovidos *par le bas* ou **ordenados par le haut**.

*Klinger.*

## ARMA DE ENGENHARIA

### II

O muito amor que dedicamos á arma a que pertencemos, e a compenetrção em que estamos da importancia de sua missão na guerra moderna, levam-nos a trazer a lume mais algumas considerações.

Aquelles de nossos camaradas que nos deram a honra de pousar sua attenção sobre o nosso artigo anterior, viram que deploramos a deficiencia ou mesmo ausencia de **material** apropriado ao desempenho de nossa funcção e de **regulamentos** respectivos.

Pois bem, além desta falta capital, necessario se torna extirpar da opinião, quasi geral, alguns conceitos erroneos a respeito da nova arma.

E' assim que, até poucos dias era ella armada á infantaria e não longe o tempo em que nas paradas não se podia fazer distincção entre dous batalhões, um de cada uma d'essas armas.

E' que os trens regimentaes de pontes, telegraphia, sapa, ficavam dormindo somno secular nos parques do quartel e o batalhão marchava e evoluia ligeiro e simples, como se infantaria fosse!

E peor ainda: o erro não era só de apresentação, pois varias vezes ouvimos classificar a engenharia com *infantaria technica*. Além de não comprehendermos perfeitamente o que isto signifique, lamentamos profundamente este modo de pensar, pois indica ignorancia completa de nossa missão, tão differente é ella da de nossa irmã mais velha.

Acreditamos, entretanto, que se vem firmando a concepção perfeita de seu complexo objectivo e uma prova recente está

na adopção do mosquetão e do revolver. Outra medida lembramos e nisto nos move a vontade de progredir. Vejamol-a.

O Livro de Quadros, publicado pelo Grande Estado Maior, affecta a cada uma das quatro companhias, componentes de um batalhão, uma das especialidades seguintes: sapadores-mineiros, sapadores-ferro-viarios, pontoneiros e telegraphistas.

Destas quatro companhias, as tres ultimas terão, num futuro não muito remoto, pois acreditamos na remodelação da arma, uma grande impedimenta, devendo nas marchas, como se pratica na Artilharia, irem, entremeiados, homens e viaturas. Sendo assim, de sua marcha desaparecerá a cadencia marcial da infantaria, rythmada a tambor, que será substituida pelo rodar monótono das viaturas.

Não seria portanto mais viavel dotar, pelo menos essas tres companhias, de **clarins**, ao envez de corneteiros e tambores, por se adaptar melhor o clarim á marcha dos animaes e ao deslizar do material?

Bem assim, quer nos parecer, dada a profundidade de cada uma destas companhias, ser imprescindivel irem seus **officiaes montados**, pois só desta forma poderão exercer efficazmente commando e fiscalização.

A idéa, que aliás não é nossa, pois assim se procede no exercito portuguez, incontestavelmente muito adiantado, ahi fica. Que ella se concretize em realidade é uma das aspirações da novel arma de engenharia.

### III

Ainda não tinhamos a satisfação de pertencermos á arma de engenharia, a mais nova das quatro irmãs, pois neste character conta apenas a curta existencia de seis annos e já varias vezes haviamos ouvido feitas a ella, por collegas de classe, referencias menos dignas. Alguns criticavam sua acção nas manobras, dizendo que jamais havia preenchido sua missão, pois frequentemente os seus trabalhos de campanha, taes como lançamento ou construcção de pontes improvisadas e estabelecimento de serviço de communicações, construcção de trincheiras, etc., não satisfaziam ao desejado.

Estes, que revelavam conhecimento do assumpto, teriam razão si a arma possuísse **material** apropriado e **regulamentos** necessarios, pois tudo quanto se fazia era fructo do estudo de regulamentos estran-



geiros ou de inspiração de momento, lançando-se mão de recursos de ocasião.

Outros lamentavam nossa transferencia para a *arma dos faxineiros*, como a appellidavam, pois diziam ter sido sempre empregada nas manobras para cortar páu para barracas, fazer latrinas e outros serviços semelhantes ou, de um modo geral, fazer faxinas para as outras armas.

Apresentavam-nol-a como creada de suas irmãs!

Como que uma reminiscencia d'aquelle habito antigo, encontramol-a no papel reservado ao contingente que seguiu para o Curato de Sta. Cruz, posto á disposição dos commandantes de grupos de artilharia que lá foram em Outubro ultimo fazer exercicio de tiro, para «auxiliar-os na construção e instalação dos objectivos que se acham especificados nas instrucções» (textual).

Em se tratando de abrir trincheiras o que constitue um trabalho de sapa ou, si porventura fossem electricos os outros alvos, o que exigiria a presença de homens entendidos em electricidade, estaria plenamente justificada a necessidade de tal contingente.

Empregal-o, porém, na simples collocação sobre o terreno de alvos de madeira e consequente reparação dos mesmos após os exercicios, parece-nos uma missão ingloria para uma arma de função tão complexa e importante, qual a nossa.

Parece-nos que estas segundas referencias, aliás verdadeiras, são um producto da desorganisação de nossa arma.

Possuisse ella todo o complicado **material** de que carece, todos os **regulamentos** para seus multiplos e variados serviços, fosse, **diffundida** mais largamente a **compreensão** nitida de sua importancia na guerra, principalmente num paiz desprovido de vias de communicacão em quantidade sufficiente, como o nosso, e estamos certos, estes pequenos papeis, que devem ser desempenhados por todas as armas, pois dizem respeito á vida privada de cada uma, não lhe seriam reservados,

Sim, isto affirmamos, porque somos d'aquelles que procuram ler tudo quanto se refere á engenharia militar, nos paizes mais adiantados que o nosso, e nunca encontramos especificado serviço algum, que motivasse para os soldados da engenharia o epitheto de *faxineiros*.

Esses, existem em todas as armas pois são assim chamados os soldados em-

pregados nos trabalhos, podemos dizer, caseiros, isto é, que se relacionam com a vida particular de cada corpo de tropa.

E, é preciso que se note, esses serviços, são de um modo geral, tão em desacordo com a missão do soldado que, ou se os reserva para os presos, ou se os manda fazer por escala, para não deprimir uns em face d'outros.

Crentes, porém, que somos, da lei da evolução, aguardamos confiantes o futuro, convencidos que tempo chegará em que nossa arma, tão bem aparelhada, qual estão suas irmãs, poderá bem desempenhar sua missão.

**Arthur J. Pamphiro.**

2.<sup>o</sup> Tenente de Eng.

## Notas de clinica veterinaria

### IV

#### Idade do cavallo — Processo pratico do seu reconhecimento

O cavallo póde viver até 25 ou 30 annos; algumas raças, porém chegam mesmo a viver até os 40.

Conhece-se a sua idade pelos dentes; exporemos aqui praticamente o quanto devemos saber para chegar a esse fim.

Tem o cavallo 36 a 40 dentes (1) que se dividem em: *incisivos* ou *incisores*, *caninos*, *colmilhos* ou *presas*, (tambem conhecidos pelo nome de *gaviões*) e *molares* ou *queixões*.

Os incisivos em numero de doze (seis em cada maxilla) occupam a parte anterior de cada maxillar, distinguindo-se entre si pelos nomes de: *dianteiros* ou *pinças*, *médios*, *externos* ou *cantos*. Fig. 1.

A — dianteiros, pinças.

B — médios.

C — externos, cantos.

D — caninos, colmilhos.

Os colmilhos que são apenas dois em cada maxillar, acham-se collocados entre os incisivos externos e os pequenos molares.

Os molares tomam a parte interna dos maxillares, havendo doze em cada maxillar,

(1) Em geral as eguas não possuem caninos, por essa razão digo 36 a 40 dentes, sendo o commun 40.



Fig. 1

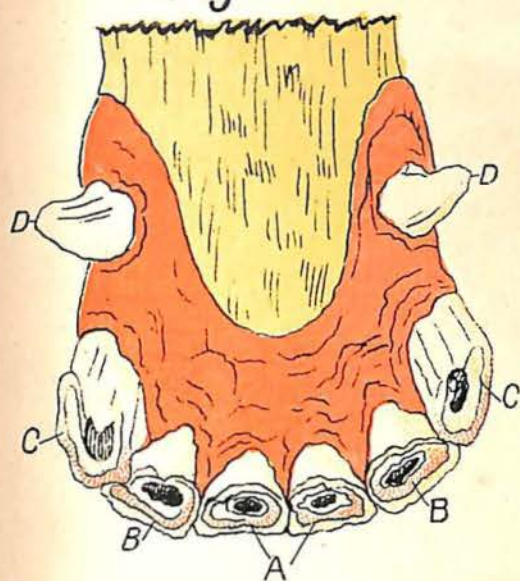


Fig. 2

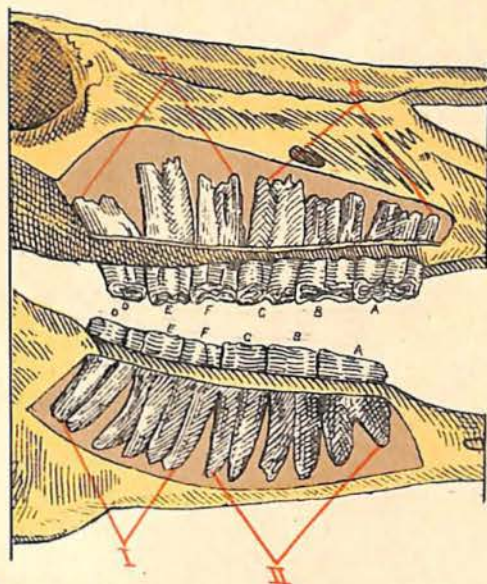


Fig. 3

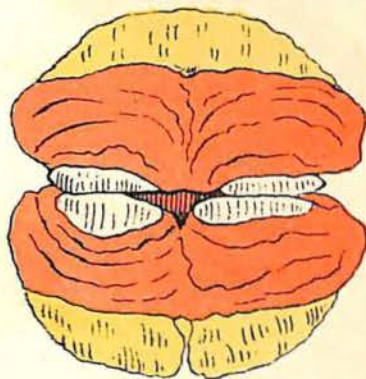


Fig. 4

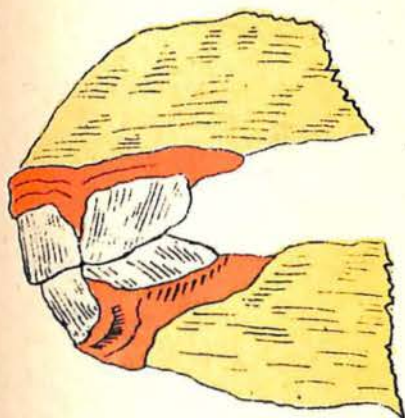
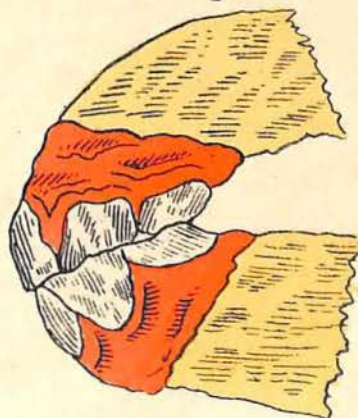
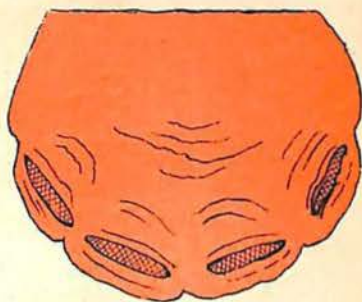


Fig. 5

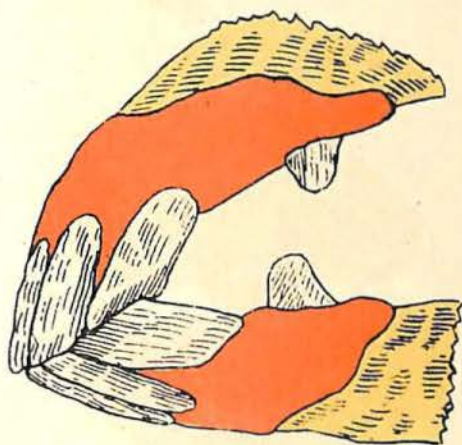




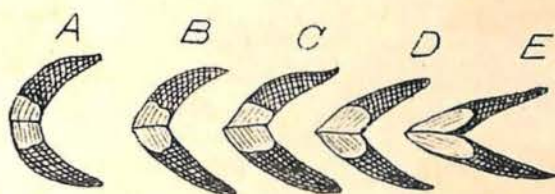
*I.nascença*



*II.perfil - cavallo velho*



*C*





isto é, seis de cada lado que se dividem em pequenos e grossos molares. Fig. 2.

A-B-C—pequenos molares D-E-F—grossos molares, *persistentes*.

# I—Grossos molares — II—Pequenos molares

Os dentes incisivos servem para cortar os alimentos e os molares para triturar-os.

Os caninos não tem função bem distincta. Affirmam alguns zoologistas que os cavallos possuem esses dentes como arma de defeza, outros porém, dizem que são dentes primitivos e que tendem a desaparecer com o correr dos seculos.

Entre as ordens dos dentes incisivos e molares, distinguem-se os *dentes de leite* dos *persistentes*; os primeiros apparecem pouco tempo depois de nascer o animal e caem na idade adulta, dando lugar a segunda dentição ou *dentes permanentes*.

Os segundos são dentes que nascem mais tarde e que ficam definitivamente.

Os dentes que caem são os *incisivos* e os tres primeiros *molares*. Figs. 1 e 2. A-B-C.

Os caninos nascem tarde e são dentes definitivos; o mesmo se verifica com os ultimos molares, ou *grossos molares*, tambem chamados vulgarmente *queixaes* Fig. 2. D-E-F.

Segundo Raspail e Girard, naturalistas que muito estudaram a dentição do cavallo em nosso paiz, conhece-se a idade do cavallo pelo modo seguinte:

«Dos cinco aos quinze dias depois da nascença», apparecem os primeiros dentes (pequenos molares e incisivos dianteiros) Fig. 3. Alguns cavallos já nascem com os incisivos dianteiros.

«Dos trinta dias aos quatro mezes», apparecem os *incisivos médios*. Fig. 4.

«Dos seis aos dez mezes», apparecem os *incisivos externos ou cantos*. Fig. 5.

«Dos trinta aos trinta e dois mezes», nasce o primeiro molar da segunda dentição.

Os dentes que nos podem fornecer dados exactos da idade são os incisivos e os pequenos molares, especialmente as do maxillar inferior.

**Aos tres annos**—De ordinario nascem os caninos, outras vezes, porém, só rompem aos seis annos ou pouco antes.

**Aos quatro e meio annos**—Com-

mumente caem os ultimos dentes de leite (*incisivos externos*) nessa occasião os de mais incisivos mostram-se encavados e de bordos desiguaes.

**Aos cinco annos**—Os ultimos incisivos estão quasi nivelados com os medios

**Aos seis annos**—Os primeiros incisivos (*dianiteiros*) estão inteiramente razos isto é, com os bordos gastos, porém sem exceder ao resto da corôa e os ultimos incisivos (*cantos*) nivelados com os medios nessa idade o cavallo conta quarenta dentes, sem se ter em conta a anomalia que ás vezes se observa com a presença de dois ou quatro *molares supplementares*, (dentes atrophiados).

**Aos sete annos**—Os incisivos medios são raros e o bordo externo dos ultimos incisivos nivelados com o interno, sem, no entanto, estarem razados.

**Aos oito annos**—De ordinario todos os incisivos da maxilla inferior estão razos, isto é, todos da mesma altura, da qual se origina o nome de cavallo *cerrado*.

Totalmente mudados em sua fórmula, que se tornaram ovaes, em vez da cavidade que dantes tinham, apresentam uma eminencia de esmalte, mais perto do bordo posterior do que do anterior do dente, margeado por uma mancha amarellada que se prolonga em sentido transversal.

**Aos nove annos**—Os incisivos dianteiros da maxilla inferior se arredondam, e a fórmula oval dos medios e ultimos incisivos vae diminuindo e tomando a fórmula arredondada; o esmalte do centro revela gastamento e avizinha-se do bordo posterior.

**Aos dez annos**—Os incisivos medios se vão arredondando; o esmalte central fica muito perto do bordo posterior e toma tambem a fórmula arredondada.

**Aos onze annos**—Os incisivos medios estão completamente arredondados, e o esmalte central quasi que de todo gastou nos dentes inferiores.

**Aos doze annos**—Os ultimos incisivos tomam a fórmula arredondada e o esmalte central desaparece de todo, occupando a mancha amarellada mais crescida a face superior da corôa. O esmalte dos incisivos superiores persiste.

**Aos treze annos**—Todos os incisivos inferiores teem a fórmula arredondada.

O esmalte central dos incisivos superiores aproxima-se do bordo posterior.

**Aos quatorze annos**—Os incisivos



inferiores dianteiros vão adquirindo a forma triangular e o esmalte dos incisivos superiores gastando-se.

**Aos quinze annos** — Os incisivos dianteiros já possuem a forma triangular, a qual começam a tomar também os medios.

**Aos dezeseis annos** — Os incisivos medios tomam de todo a forma triangular e os externos propendem para a mesma configuração; o esmalte dos incisivos superiores desaparece.

**Aos dezeseite annos** — Todos os incisivos inferiores apresentam a forma triangular.

**Aos dezoito annos** — Os incisivos, começando pelos dianteiros para os ultimos, successivamente se vão estirando e achatando-se.

**Aos dezenove annos** — Os incisivos dianteiros já se acham achatados dos lados, e os medios principiam a ficar assim.

**Aos vinte annos** — os incisivos medios se acham com a mesma configuração dos dianteiros.

**Aos vinte e um annos** — Os incisivos em geral estão achatados.

«Desta época para diante cessam os dentes de nos offerecer signaes caracteristicos do avançar da idade; se bem que cada vez mais elles se vão achatando e suas faces externas tomando a forma triangular, assim como se tornam descarnados, fazem-se amarellas e cobertos de camadas mais ou menos espessas de tartaro, as gengivas descoram-se, as maxillas estreitam-se, enfim tudo attestando a velhice.»

E' preciso não esquecer que o gastamento dos dentes do cavallo póde ser prematuro.

Nos cavallos que vivem e se alimentam em pastos rasteiros, os dentes naturalmente se gastam mais depressa do que n'aquelles que pastam em campos cujo gramado é alto; o mesmo acontece com os animaes creados e sempre alimentados em estabulos.

Schema — configuração aproximada do perfil de certas edades.

A — 6 a 8 annos.

B — 9 a 11 »

C — 12 o 14 »

D — 15 a 18 »

E — muito velho.

Muitos outros processos de inspecção dos dentes existem para reconhecimento da idade dos cavallos, porém dependentes de conhecimentos technicos, os quaes não

cabem no presente trabalho, que é simplesmente pratico, e desse geito o processo acima preenche perfeitamente o exigido.

**Paulo Raymundo**

1º Tenente veterinario

Nota. No artigo anterior, «Aprumos» intercorreu um grave erro; na pagina 23, onde se lê: *articulação femuro-libial*, leia-se: *articulação iliaco femural*.

**P. R.**

## Raid de patrulhas de cavallaria

Por nos parecer de algum interesse publicamos a seguir, com o devido assentimento do mui distincto camarada que nos honrou com sua consulta, uma troca de correspondencia havida sobre este assumpto.

**Consulta.** O raid de patrulhas ultimamente realizado offereceu-me ensejo de adquirir alguns conhecimentos praticos, que só o terreno proporciona; por outro lado, porém me deixou em algumas duvidas, que dizem respeito ao lançamento de uma *descoberta*.

E' sobre a situação particular do thema proposto, ponto que motivou as duvidas em que me acho, que desejo do camarada algumas explicações.

Vou fazer a transcrição da situação particular.

«Situação particular no dia 17 ás 3 horas. Partido azul.

O inimigo transpoz nossa fronteira hontem ao meio dia, tomou Bangú e atacou Realengo.

A divisão de S. Christovão marcha hoje ás 4.30 para o Campinho. Uma patrulha de official, apoiada por um esquadrão do 1º R. C., recebe ordem de partir ás 4 horas — via Penha — Irajá — Areal — Honório Gurgel — leito da Linha Auxiliar — Deodoro, com a missão de explorar desde Deodoro até Realengo, conservando-se ao norte da linha ferrea».

1º — Quanto ao itinerario «Penha — Irajá...» imposto á patrulha. Até então eu estava persuadido de que num reconhecimento desta natureza não se devia senão assinalar o fim, se i precisar os meios, no caso, sem impôr á patrulha um itinerario fixo. E a essa convicção fui levado pela leitura de alguns auctores de reputação como Cherfils e Loir, em cujas obras «Em-



prego de cavallaria» e «a cavallaria» re-commendam que não se deve prescrever aos reconhecimentos itinerarios determinados.

Ha entre nós um trabalho official — o «Guia para a instrucção da cavallaria» que tambem é da mesma opinião, como se vê do trecho seguinte, extrahido da pag. 27: «A ordem dada a um official para reconhecimento deve indicar sem incerteza os pontos sobre os quaes elle deve ser feito, mas sem prescripções rigorosas *principalmente quanto ao caminho a seguir*».

2º — Pelo thema, a patrulha era apoiada por um esquadrão do 1º R. C.

Qual o itinerario desse esquadrão?

A patrulha necessitava saber-o afim de bem encaminhar os seus despachos ou sobre elle refluir em caso de perseguição.

Se para uma patrulha, com missão analogá á do *raid*, deve-se evitar indicar o itinerario da marcha, o contrario se dá, penso, para o esquadrão de apoio: «O destacamento de descoberta, elemento de força, é estavel sobre a estrada, póde então lhe ser dado um itinerario fixo» (Loir),

3º — «Com a missão de explorar desde Deodoro até Realengo», isto é, um sector de cerca de 6 kilometros de frente e 2 a 3 de profundidade.

Ainda aqui não percebi a necessidade de se ter dado a uma simples patrulha a missão de explorar um sector.

Um exemplo classico, tirado da guerra de 1870, veio mostrar, entre muitos outros, que uma patrulha não póde explorar um sector. O tenente Stumm, enviado em reconhecimento para a margem esquerda do Sarre, no dia da batalha de Forbach, descobriu forças importantes, em Saint-Avold, mas informado de que em Boncheporn tambem havia tropa inimiga, para ahi corre, perdendo o contacto com as forças de Saint-Avold, e não satisfeito ainda vae até Longeville.

Caso identico, se bem que em proporções menores, podia se dar em o nosso *raid*, pois admittindo-se a *hypothese* de haver tropas inimigas em Deodoro, a patrulha seria forçada a perdê-las de vista para poder reconhecer até Realengo. «Um reconhecimento», diz Loir, «não tem o dom da ubiquidade, elle vai em um ponto esclarecer uma situação».

A meu vêr, a missão-reconhecimento de Deodoro a Realengo ficaria bem se fosse confiada ao esquadrão de apoio,

porque então antes deste attingir Deodoro destacaria uma patrulha para esta localidade e outra para Realengo, e talvez ainda uma outra de inferior para Villa Militar.

Como vê, os pontos de que discordo, ou melhor, que não pude perceber claramente, não deixam de ser importantes, se não isoladamente ao menos em conjunto, porque, como sabe o distincto camarada «os resultados da exploração não dependem unicamente da conductá das tropas e dos destacamentos de exploração. Elles são influenciados essencialmente por uma organização judiciosa do conjunto do serviço de exploração (R. allemão).

**A execução** — Quem acompanhasse a marcha das patrulhas, notaria que umas tinham o seu serviço de segurança organizado e se deslocavam por lances de um ponto de observação a outro; outras, porém, não obedeciam a essas medidas de prudencia e justificavam-se dizendo que a marcha se fazia em territorio amigo.

Penso que os primeiros estavam mais acertados, e em meu apoio invoco a autoridade do mestre da cavallaria allemã, o general von Bernhardi:

«E' preciso escolher bons pontos de observação com o binoculo *antes* de estar em contacto immediato com o inimigo».

«Para ir depressa, o reconhecimento póde seguir as estradas emquanto elle não se arrisca chocar-se com o inimigo. Mas *em tempo de paz, a maior parte dos officiaes marcham assim até o encontro do adversario; só então elles começam a observar, sem pensar, que na realidade o successo da sua missão estaria já gravemente comprometido, porque elles seriam inevitavelmente perseguidos e não poderiam vêr cousa alguma*»

Ora, pela situação do thema o inimigo já havia invadido o territorio nacional e bem podia lançar a sua descoberta para os lados de Irajá, Penha, etc., e desse modo um encontro inesperado se daria, do qual talvez sahiriam mal succedidas as fracas patrulhas que marchassem sem as precauções necessarias.

Mas a patrulha que fizesse a sua marcha por lances naturalmente perderia muito tempo, e pelo programma da prova hippica de que tratamos o tempo era o elemento que mais influiu no resultado final. Assim, a patrulha que fez melhor reconhecimento foi a n. 1, tendo gasto 6.h'21'32" no percurso, emquanto que o



numero 5 gastou apenas 2.<sup>h</sup> 22' 33"; a primeira foi classificada em 10.<sup>o</sup> lugar e a outra em segundo.

Não acha o camarada que n'uma prova d'estas o tempo deve intervir apenas como factor de desempate entre serviços de reconhecimento de grãos iguaes?

Taes são os pontos que mais duvidas me despertam...

**Resposta.** A consulta que me dirigiste sobre o raid de patrulhas de cavallaria ultimamente aqui realizado trouxe-me uma viva satisfação. Havendo eu collaborado na organização do thema e na fiscalisação do serviço de reconhecimento, aproveito com prazer a oportunidade que me proporcionaes de elucidar certas duvidas que certamente tambem outros concorrentes e interessados tiveram.

1.<sup>o</sup> Quanto ao itinerario imposto á patrulha e não ao esquadrão.

Tendes inteira razão com a vossa convicção de que «não se devia senão assignalar o *fim*, sem precisar os *meios*» para o serviço ordenado á patrulha. Eu divirjo, porém, na interpretação: no caso em questão, a exacta prescripção de *uma parte* do itinerario não me parece uma limitação, um desrespeito á liberdade de escolher a patrulha os *meios* de realizar o seu *fim*; é apenas uma fórmula de fazer saber a patrulha, com indubitavel clareza, que o serviço que importava realizar era *única e precisamente* a exploração de Deodoro em diante, até Realengo.

Uma razão particular d'essa fixação do itinerario — sub-entendia-se que por ahi mesmo seguia o esquadrão — era a exigencia do programma de comparar as patrulhas no percurso que devia anteceder ao serviço de reconhecimento. E' claro que isso impunha a identidade rigorosa dos itinerarios, sem o que não haveria comparabilidade. O serviço de exploração, isto é, o desempenho da missão mesmo, começava em Deodoro, e d'ahi em diante deixava-se ás patrulhas a maxima liberdade na escolha dos meios.

Na organização do thema fôram perfeitamente levadas em conta as prescripções do Regulamento allemão para o serviço em campanha.

§ 120. Cada fracção esclarecedora deve receber uma *missão precisa*, sem indicações obrigatorias sobre detalhes de execução. O chefe que dá a missão deve assignalar sem ambiguidade os pontos que

especialmente lhe importem esclarecer. E' preciso ter em vista que a capacidade de esclarecimento de cada patrulha é de largura limitada.

§ 121. Os resultados do esclarecimento não dependem só da conducta das fracções esclarecedoras e patrulhas. Elles dependem essencialmente da conveniente organização do conjuncto d'esse serviço. Deve-se observar perfeita unidade n'essa organização, mesmo por economia das forças.

§ 127. O esclarecimento frontal em geral só deixa descobrir as testas das columnas inimigas; para reconhecer sua força o melhor é o esclarecimento de flanco. Mas só em situações favoraveis será admissivel penetrar na zona entre columnas inimigas.

§ 128. Todos os *commandantes de cavallaria* e os de patrulhas *tanto quanto fôr compativel com a missão d'ellas* são responsaveis pela conservação do contacto tomado com o inimigo.

Com este ultimo §, parece-me, fica levantada a duvida quanto á extensão da zona a explorar pela patrulha. Admittindo que desde a primeira elevação aproveitada para observar — e foi para mim uma decepção que nenhuma das patrulhas que seguiram pela estrada de Nazareth tivesse se utilizado do morro da escola de Agricultura (500<sup>m</sup> ao N. da estação de Deodoro, junto á estrada, lado Léste) — a patrulha lograsse descobrir força inimiga, participando-o ao cdte. do seu esquadrão ficava ella desobrigada de conservar esse *contacto*, caso não lhe fosse possivel conservá-lo no proseguimento do desempenho de sua missão.

2.<sup>o</sup> Quanto á execução. A duvida fica levantada em parte pelas explicações do começo: a zona de reconhecimento começava em Deodoro. A divisão de S. Christovão estava em paiz amigo e ás 3 horas sabia apenas que o inimigo atacára Realengo. Se elle tivesse feito maiores progressos já se havia de ter noticia d'isso; portanto não era licito «quebrar a cabeça» com hypotheses desfavoraveis.

Para a figuração do inimigo que as patrulhas deviam descobrir — o que *as bem conduzidas* só não fizeram devido ás pessimas condições de luz — fez-se a hypothese de que a divisão da fronteira retirára pela Estrada Real de Santa Cruz, perseguida pela maior parte da força inimiga, a qual des-tacára uma pequena flanco-guarda (1 bata-



lhão e 1 bateria, realmente representados) sobre Deodoro.

Concordo com a opinião de que o tempo gasto não deve representar o papel preponderante que o programma lhe deu, mas distingo: na parte do itinerario comum, todas as patrulhas que se mantivessem dentro dos limites de velocidade prescriptos teriam a mesma classificação, mas na parte propriamente de reconhecimento o tempo deveria ser levado criteriosamente na devida conta, uma vez que na realidade elle seria um factor de primeira ordem.

1º Tenente *B. Klinger*

## Codigo de signaes para a artilharia

### CODIGO NUMERICO

#### (Continuação)

Conforme dissemos no artigo anterior, foi este systema organizado numerica e alphabeticamente de modo a facilitar sua consulta. (\*)

Exceptuam-se da subordinação alphabética os dez primeiros numeros que, como vimos, representam as armas, as características dos numeros, o symbolo de interrogação e o signal separatorio. Este ultimo poderia mesmo ser dispensado quando se tratasse do algarismo 5 precedendo os das quatro armas principaes. (51 em vez de 501, etc.)

Como qualquer signal do primeiro systema, exceptuados os de algarismos e o das figs. 1 e 6 (*Posição inicial* e *Codigo*) interrompe o effeito deste ultimo sobre os numeros, é de conveniencia empregal-os sempre que isso venha simplificar a transmissão.

Assim, p. ex. poder-se-á intercalar o gesto *alça* em lugar de *distancia*; *directão* em vez de *direita* ou *esquerda*, etc.

O inimigo occupa a collina a 200 m. ao N. de nossa posição, seria expresso quer se empregando o numero 81 do codigo presente, quer o signal *alça* do systema de commandos de tiro. Não esquecer, porém, que se torna necessario repetir o signal "Codigo" para se proseguir em despacho numerico.

(\*) Vide a relação que acompanhou o numero passado da Revista.

Por outro lado, desde que se disponha de cartas ou levantamentos da zona em que se opera, será facil aferir-se os diversos pontos notaveis do terreno de modo que cada um seja designado por um ou mais numeros: *Collina 12, ponte 23, rio 37-49*, etc.

Deste processo e dos *croquis* perspectivos fizeram os russos um largo emprego na Mandchuria.

Nós imaginamos tambem como alludimos no artigo passado, uma folha quadriculada transparente que, collocada sobre a carta, segundo uma *linha de fé* convencionada antes de partirem os signaleiros para seus postos, permitiria definir os differentes pontos do terreno de accordo com os numeros que sobre elles coincidissem.

Em nossos exercicios sobre o terreno, utilizamos o signal da fig. 32 (corrector) para exprimir "quadricula" no codigo numerico.

Deste modo, si quizermos transmittir:

A artilharia inimiga occupa o morro do Girante e si sobre este, p. ex. cair a quadricula 26, os signaes a empregar serão: Codigo 530155 corrector 26 ou, mais abreviadamente: Codigo 530 corrector 26.

Mas o thema que se segue melhor esclarecerá sobre o mecanismo do serviço de signaleiros e sobre as vantagens que, por ventura, este *auxiliar do codigo official* possa offerecer, quando os telephones brilharem pela ausencia, como actualmente.

**Thema** — Uma divisão de infantaria, em marcha da Capital para Santa Cruz, pouco além de Campinho é informada de que o inimigo, tendo repellido a cavallaria no Bangú, já se achava nas proximidades do Realengo, parecendo intuito seu occupar a Villa Militar. (Vide carta do Realengo-Deodoro.)

Proseguindo a marcha, o primeiro embaite das forças antagonicas determina á vanguarda a occupação da linha Morro dos Affonsos — Girante, sendo que a cavallaria, no flanco direito, vigia a zona ao N. e S. da estrada de ferro.

Delinea-se um combate de encontro.

O 3º grupo, que marchava no corpo da vanguarda, recebe ordem de occupar o Morro das Cinco Mangueiras, afim de apoiar o avanço da infantaria.

Para melhor observar, o commandante desta unidade installa-se na cota 85 do M. dos Affonsos, juntamente com o commandante da vanguarda, e envia para a



Caixa d'Agua — ponto que descortina os arredores da zona a bater, um posto de esclarecedores. Como desta collina, entretanto, não se possa ver o observatorio de Affonsos, um posto *relais* é collocado no morro do Aldeamento.

No grupo, o commandante da bateria esquerda, descortinando bem toda a região em frente, mantem-se junto á bateria e liga-se ao major por signaleiros; o commandante da bateria centro installa-se junto ao major para melhor observar a zona que lhe coube e liga-se á sua unidade por signaes.

A bateria da direita, não podendo collocar-se sem inconvenientes sobre o morro, seu commandante a estende na baixada logo ao N. desta elevação; envia um posto de esclarecedores para o Girante, um de ligação para o commando do grupo e outro para a bateria e, por sua vez, vae installar-se no M. do Aldeamento.

Do lado inimigo, a infantaria, a 2000 metros da vanguarda da divisão que se lhe oppõe, avança em atiradores entre as estradas de S. Pedro e Real. Não se manifestou ainda sua artilharia; quanto a cavallaria, ha indícios de que procura se insinuar pelas estradas ao N. da linha ferrea.

### Organisação dos postos de signaleiros

Eis, em resumo, como foi organizado para este caso o serviço de ligação.

*Com o commandante do grupo:* Postos de observadores auxiliares (prefixo 1): 11, no morro dos Affonso; 12, no Aldeamento; 13, na Caixa d'Agua.

*Com a bateria da esquerda:* Postos 02, junto ao capitão; 04, junto ao major, (a ligação com este, por parte, da bateria é expressa em numeros pares com o prefixo 0).

*Com a do centro:* Postos 1, junto ao capitão (no M. dos Affonsos); 3, com a bateria.

*Com a da direita:* 1, com o capitão no morro do Aldeamento; 3 com a bateria; 04 junto ao major (sub-entende-se que 02 seria o P. 1 do capitão, augmentado de outros signaleiros); 4, os esclarecedores no Girante (a mesma observação acima, em relação ao posto 2.)

Um ligeiro exame da organização acima na qual um simples grupo, para sua completa ligação, em um caso aliás não muito complexo, necessita de dez postos

de signaleiros, sendo que tres com o commandante do grupo, como que nos leva a descrever do resultado das communicações.

Mas o problema é realmente de difficil solução. E' sabido que no terreno instinctivamente lançamos mão de todos os recursos a nosso alcance e aqui as bandeiras distinctivo seriam chamadas a impedir as confusões.

Quantas vezes, em manobras, temos presenciado os auxiliares do commando multiplicarem-se em gestos, no afan de transmittirem ordens urgentes sem que, em geral, logrem ser comprehendidos!

No caso que formulamos e que applicamos ao terreno, um posto de observadores auxiliares na Caixa d'Agua é de molde a informar com proveito ao major sobre os objectivos occasionaes que de seu observatorio não possa este ver claramente.

Preocupado com a zona em frente, passar-lhe-á despercebido, p. ex. que a cavallaria inimiga, superior á de seu destacamento, começa a contornar a linha amiga pela região ao N. da estrada de ferro.

Figuremos, pois, o seguinte aviso daquelle ponto:

Codigo 520880191096

Codigo 2013

cuja traducção, de accordo com a relação numerica, é: *A cavallaria inimiga contorna ao N. da estrada de ferro; a acção de nossa cavallaria é inefficaz.*

Immediatamente, pelo signaleiro da bateria da direita (posto 03) o commandante do grupo faz transmittir a seguinte ordem:

*Bateria direita.*

Codigo 1410520191096

ou simplesmente: *Bateria direita*

Codigo 520191096.

O commandante da unidade assim designada ordenaria pelos seus signaleiros do posto 1:

*Bateria tal. Peça base: 2: peça.*

*Deriva: Menos 1500. Em acção para a direita; etc.*

Dominada como é esta região pelas collinas do aldeamento, é de suppor que a acção da bateria direita viesse perfeitamente a tempo de embaraçar a acção da cavallaria inimiga.

Um novo aspecto apresenta-se.



A infantaria contraria avança; seus esforços para apoderar-se do morro do Capão onde nossa cavallaria resiste, tendem a bom exito.

O commandante do grupo percebe a má situação da força, o que é confirmado por este despacho da collina:

Codigo 201860 corrector tal

que, traduzido, significa: *Nossa cavallaria retira do Morro do Capão.*

O commandante da bateria centro, junto ao major, recebe então verbalmente a seguinte ordem:

*Protegei a retirada de nossa cavallaria;* pelo que, commandando a signaes, o capitão da bateria centro faz cobrir de schrapnells o morro do Capão logo que as primeiras linhas inimigas corram-lhe a crista.

A infantaria amiga, porém, reforçada, faz progressos sob o apoio de sua artilharia; é intuito manifesto desalojar o inimigo do Capão.

A artilharia inimiga, em silencio até então, rompe contra ella um fogo de de mais de uma bateria, parecendo que seus tiros vem das alturas a NE. do Polygno de Tiro. E' o que informam os esclarecedores do grupo e que, devido ao desenfiamiento da bateria, só a perceberam depois de rompido o fogo:

Codigo 5301710 corrector 127.

A situação desenha-se favoravelmente aos adversarios com a paralysação da infantaria da vanguarda sob o fogo efficaz de sua artilharia; sua infantaria progride novamente apoiada no morro do Capão e hostilizada apenas por uma bateria, pois que a da direita do grupo amigo tomára para objectivo a cavallaria atacante e a do centro batia o Capão.

De Cinco Mangueiras afigura-se pouco vantajoso bater a artilharia adversa, não só pela sua grande distancia como pelo seu desenfiamiento. A escolha desta posição fôra determinada sob as contingencias do momento que não comportava uma occupação mais avançada.

Era, porém, o tempo da chegada do grosso que reforça não só a linha de infantaria como occupa o Girante com outro grupo de artilharia. O desenvolvimento escalonado em toda a frente, força a cavallaria inimiga a desoccupar de uma vez a zona N. da estrada de ferro. Este movi-

mento é confirmado pela Caixa d'Agua no seguinte despacho;

Codigo 5201770194.

Neste interim, a infantaria, desembarçada da artilharia contraria, pela acção efficaz do grupo que occupára o morro do Girante, e apoiada pelo fogo das 3 baterias do 3 grupo, consegue avançar e prepara-se para o assalto do Morro do Capão.

Os esclarecedores do Girante transmittem:

Codigo 2025031.

Cuja traducção litteral: *Nossa infantaria antes assalto, para bom entendedor... salve!*

O Codigo numerico, a nosso vêr, proporcionará com poucos gestos as mais urgentes informações.

Providos os signaleiros de uma relação nos moldes da que organisamos com os nomes mais correntes no campo de combate, elle poderá constituir um bom *auxiliar do codigo official.*

Certo que, para seu emprego, se necessita de homens intelligentes e vivos, capazes de synthetisarem um despacho, dando ao mesmo tempo uma certa elasticidade aos synonymos; mas a signalisação exige um recrutamento seleccionado...

(Continua)

**Pompeu Cavalcanti.**

1º Tenente

Certos da conveniencia de esclarecer-se a situação relativa das «Instrucções para Signaleiros» approvadas pelo Ministerio da Guerra em 5 de Maio de 1914, e do codigo de signaes para a artilharia publicado pelo nosso distincto camarada 1º tenente Pompêo Cavalcanti, em o nosso n. 13, permittimo-nos apresentar este parecer.

Diz o § 28 das citadas instrucções regulamentares:

«Para mais rapida comprehensão dos «casos dados com frequencia pôde-se con-«vencionar signaes especiaes, feitos não só «com as bandeiras, como com o braço, «com o gorro, etc. Especialmente durante «o fogo é raro se poder empregar os signaes «regulares...»

O gripho é nosso.

Ahi está uma entrada franca, por onde o codigo Pompêo Cavalcanti pôde entrar livre e pacificamente no systema regulamentar de signalisação.

Todos os vocabulos representados no codigo em questão, entendem com os *casos dados com frequencia* na artilharia; sua aprendizagem é facilima, é **accessivel mesmo aos analfabetos**, e a rapidez da transmissão é incomparavelmente



maior do que empregando os *signaes regulares* do código alfabético, mesmo observadas as abreviações do anexo III.

O código numerico publicado pelo mesmo autor é de grande vantagem para a rapidez da transmissão e applicavel a todas as armas.

Parece-nos, pois, seria vantajosa na futura edição das «Instruções para signaleiros»:

1º — Substituir o anexo III pelos signaes do systema vocabular Pompêo Cavalcante.

2º — Acrescentar um anexo com o código numerico.

*Klinger.*

## Themas de tiro para a artilharia de campanha

SOLUÇÃO E CRITICA SEGUNDO O R. T. 1914

III

(Continuação)

**Situação** — Representa-se uma phase ulterior do combate. Nossa artilharia depois de haver causado consideraveis danos ás duas baterias inimigas, que haviam occupado posição desfavoravel, tinha-se voltado inteiramente contra a infantaria adversa, superior á nossa em numero. A noite sobreviera quando a distancia entre as linhas de atiradores adversarias já estava reduzida a 500 metros. Ambos os partidos tinham aproveitado a obscuridade para se fortificarem. A artilharia inimiga mudara de posição.

Ao romper do dia nosso commandante de grupo reconhece á esquerda 6 peças inimigas a cerca de 2500 metros e em frente, a 2000 metros uma trincheira da infantaria contraria, cuja frente tem 200 millesimos de extensão.

Nossas baterias, que durante a noite se haviam approximado da crista, podiam visar directamente. Condições de observação boas.

**Ordem do commandante do grupo:**

“Bateria esquerda: Fogo contra a artilharia inimiga bem visível á esquerda! Distancia—cerca de 2500 m.! Baterias centro e direita: Tomar sob seus fogos a trincheira de infantaria que se estende do pontilhão da estrada de ferro até 200 millesimos á direita; cada uma bate a metade que lhe fica correspondente. Distancia — cerca de 2000 m.”

Acompanhemos o tiro da bateria esquerda:

Nº da peça	COMMANDO	Nº do tiro	Alça	Observação
II	Sh. p.! Só a 2ª peça! A' esquerda artilharia no alto daquela collina onde se veem duas arvores copadas bem juntas! Repartir o fogo sobre as 4 peças do meio! Ponto de regulação a 3ª peça inimiga a contar da direita! Alça 2500! Fogo!...	1	2500	+
	Alça 2300! Fogo!....	2	2300	—
	Alça 2400! Fogo!....	3	2400	+
	Alça 2350! Fogo!....	4	2350	+
	Gr. p.! Toda a bat! Alça 2325! 1 salva!	5	2325	—
I a IV	Mesma alça! 1 grupo!	6	»	—
		7	»	?
		8	»	+
		9	2325	{ + (1 —, 1 ?)
		12		
	Mesma alça! 1 grupo!	13	2325	{ ? (1 +, 1 —)
		14		
	Fogo sómente sobre as 3 peças da esquerda e a da extrema direita! Mesma alça! 1 salva!.....	15	»	—
		16	»	—
		17	»	—
		18	»	—
		19	2350	{ + (2 —)
	Alça 2350! 1 grupo!	22		
		23	»	{ +
		26		
	Mesma alça! 1 grupo!	27	2325	{ +
		28		
	Alça 2325! 1 salva!..	29	»	{ —
		30		
	(As peças inimigas a braço para traz)	31	2250	{ — (1 ?) <sup>b</sup> (1 n)
	Sh. tp.! Corrector 12! Alça 2250! 1 grupo!	34		
	Corrector 14! A. 2300! 1 grupo!.....	35	2300	{ — (1 ?) <sup>n</sup> (1 a)
		38		
	Alça 2350! 1 grupo!	39	2350	{ — (2 +) <sup>n</sup>
		42		
	A. 2300!			



**Critica do tiro** — O commandante da bateria procedeu ao tiro de regulação com sh. p. e ao de efficacia com gr. p.

Certamente foi seu intuito economisar a munição desta ultima especie, de custo maior e dotação muito menor, uma vez que as regras de tiro são exactamente as mesmas para ambos os projectis atirados em percussão.

Empregando o tiro percutente agiu com acerto, pois contra baterias bem visiveis não muito distantes elle é o recomendado, com qualquer das duas especies de projectil, podendo-se contar com a demolição do material desde que convenha o grande consumo de munição que isso pôde exigir (45).

No caso do tiro percutente faz-se a regulação com **uma peça, sempre a mesma**, até a completa formação do garfo correspondente (33). Foi o que fez o commandante da bateria, escolhendo a 2.<sup>a</sup> peça, provavelmente por ser aquella cuja direcção da pontaria, feita desde logo sobre a parte que lhe cabia na repartição do fogo, mais favorecia a observação (63). A indicação do objectivo fez-se com precisão e a repartição do fogo foi prescripta no momento opportuno (68). A designação do ponto de regulação foi superflua, pois que pela repartição de fogo ordenada, justamente a 3.<sup>a</sup> peça inimiga era a que devia ser batida pela peça de regulação.

A regulação fez-se normalmente; com os tiros 2 e 4, alças 2300 e 2350, foram determinados respectivamente os limites curto e longo do garfo de 50 metros, que é o que se deve formar no caso de tiro percutente contra objectivos fixos (62).

Passando a atirar com toda a bateria o capitão iniciou o tiro de efficacia com uma salva no meio do garfo para verificação da **alça favoravel**, que é a que deve dar os tiros repartidos approximadamente com igualdade aquem e alem do objectivo (90).

Como não era necessario corrigir a pontaria em direcção (36), pois que os apontadores visavam directamente alvos bem visiveis, e podendo ter começado o tiro de efficacia por qualquer das especies de fogo (79), teria sido mais acertado o

emprego do *grupo de tiros*, por quanto se devia neste caso pretender rapido effeito (35) afim de obstar a acção da artilharia inimiga contra a nossa infantaria, inferior em numero á do adversario.

O commandante da bateria poderia ter começado o tiro de efficacia em um dos limites do garfo se isso lhe fosse indicado pela observação dos tiros que o formaram (89).

Com a alça 2325 os tiros distribuíram-se na frente e atraz do objectivo, mais ou menos com igualdade, pelo que foi acertado insistir nella (90) até que na salva 15 a 19 essa distancia pareceu não corresponder mais. Em consequencia, agindo de accordo com o R. T. (90), o commandante da bateria fez na alça uma correcção de 25 metros. Vendo, depois do tiro 26 que essa nova alça dava todos os tiros longos, commandou de novo a alça 2325, na qual obteve ainda maioria de tiros longos. Consequentemente faria nova diminuição de 25 metros, passando a atirar no limite curto do garfo.

O facto de haver a alça 2325 dado tiros em maioria longos na salva 27 a 30 é devido talvez ao aquecimento do canhão, que acurretando melhor aproveitamento da carga de projecção produz em geral augmento do alcance.

Na salva 15 a 18 foi modificada a repartição do fogo por haver o commandante da bateria observado que duas peças inimigas se haviam calado, provavelmente em consequencia de serios danos. Depois da salva 27 a 30 notou-se um movimento na artilharia adversa, preparativos talvez para a sahida da posição, a julgar pela poeira que appareceu na retaguarda, a pequena distancia.

Consequentemente andou bem o commandante da bateria passando logo a atirar com sh. tp. á distancia 50 metros menor do que a exactamente determinada no tiro de percussão, a qual neste caso, coincide com o limite curto do garfo (77), e empregando as tres alças de efficacia correspondentes ao tiro de tempo com schrapnell (78).

\* \*

Vejamos agora o que fez a bateria



centro, cujo boletim de tiro é o seguinte:

Nº da peça	COMMANDO	Nº do tiro	Alça	Observação
III e IV	Gr. tp.! Só a secção da esq.! Em frente trincheira de infantaria! Repartir o fogo desde o lado direito do pontilhão da estrada de ferro até 100 milésimos á direita! Correct. 11! Alça 2000! Fogo!...	1 e 2	2000	$\left\{ \begin{array}{l} ? a \\ \frac{1}{2} n \end{array} \right.$
	Corrector 9! Mesma alça! Fogo!.....	3 e 4	2000	$\left\{ \begin{array}{l} - \\ - \end{array} \right.$
	Corrector 10! A. 2400! Fogo!.....	5 e 6	2400	$\left\{ \begin{array}{l} ?/n \\ + \end{array} \right.$
	Alça 2200! Fogo!....	7 e 8	2200	$\left\{ \begin{array}{l} ?/n \\ -/b \end{array} \right.$
	Alça 2300! Fogo!....	9 e 10	2300	$\left\{ \begin{array}{l} ? n \\ - \end{array} \right.$
	Toda a bateria! Corrector 12! A. 2275! 1 grupo!.....	11 a 14	2275	$\left\{ \begin{array}{l} ? \\ (1 -) / \begin{array}{l} a \\ (2 n) \end{array} \end{array} \right.$
	Alça 2300! 1 grupo!	15 a 18	2300	$\left\{ \begin{array}{l} ? \\ (2 -) / \begin{array}{l} a \\ (1 n, 1 b) \end{array} \end{array} \right.$
	Alça 2325! 1 grupo!	19 a 22	2325	$\left\{ \begin{array}{l} - \\ (1 ?) / \begin{array}{l} n \\ (1 a, 1 b) \end{array} \end{array} \right.$
	Alça 2350! 1 grupo!	23 a 26	2350	$\left\{ \begin{array}{l} - \\ (1 +, 1 ?) / \begin{array}{l} n \\ (1 a) \end{array} \end{array} \right.$
	Alça 2375! 1 grupo!	27 a 30	2375	$\left\{ \begin{array}{l} + \\ (2 ?) / \begin{array}{l} n \\ (2 a) \end{array} \end{array} \right.$
I a IV	Alça 2400! 1 grupo!	31 a 34	2400	$\left\{ \begin{array}{l} + \\ (1 -) / \begin{array}{l} n \\ (1 b) \end{array} \end{array} \right.$
	Alça 2375! 1 grupo!	35 a 38	2375	$\left\{ \begin{array}{l} + \\ (2 -) / n \end{array} \right.$
	Alça 2350! 1 salva!...			

**Crítica do tiro** — Escolha do projectil boa, de accôrdo com o R. T. (45). Em tiro de tempo a regulação deve ser feita com uma secção (33 e 52). O tiro de regulação deve ser de tempo ou de percussão, tal como tenha de ser o de efficacia (50). Assim procedeu o commandante da bateria.

Não vendo no terreno um meio de designar a extremidade direita da parte do objectivo attribuida á sua bateria, o capitão ordenou a repartição do fogo, como se vê no boletim. Assim, devendo cada peça atirar no meio da parte que lhe correspondia, 1/4 da frente, visaram todas o lado direito do pontilhão, respectivamente com as derivas 63.88, 63.63, 63.38 e 63.13 a partir da 4ª, que se achava na esquerda.

Procurando obter desde logo o corrector da regulação (29) que é aquelle que dá lugar a pontos de arrebetamento em sua maioria observaveis, isto é, por percussão ou tão baixos que se possa referir ao objectivo a nuvem de fumo no momento de sua producção ou logo depois (12), o commandante da bateria corrigiu antes do tiro a discordancia que era de esperar entre a alça e o tempo de combustão da espoleta (54). Sabe-se que ordinariamente a altura normal é dada pelo corrector 12 nas distancias medias (entre 2.500 e 3.500), corrector 13 nas distancias inferiores a 2.500 e 11 nas superiores a 3.500.

Sendo duvidosa a observação dos tiros 1 e 2 elle baixou exaggeradamente o corrector e nos tiros 3 e 4 obteve ambos os arrebetamentos percutentes de modo que nenhuma certeza lhe podiam dar sobre o corrector do garfo, pois os tiros anteriores não tinham sido ambos altos (55).

Entretanto no tiro duplo seguinte foi feliz, fazendo no corrector alteração de 1 divisão em sentido contrario e augmentando a alça, pois para a determinação desta eram aproveitaveis os dois arrebetamentos percutentes por terem sido observados muito curtos (55), como se vê no decurso do tiro.

Tambem andou acertado na modificação da alça, cujas correcções devem ser fortes, em geral não inferiores a 200 metros (57).

O corrector 10 deu metade dos arrebetamentos baixos e a outra metade por percussão, portanto elle, no caso, era o corrector de regulação.

As alças 2.400 e 2.300 deram os limites do garfo de 100 metros, que é o que em geral se deve formar quando se faz tiro de tempo contra objectivos fixos (59). A observação duvidosa registrada em um dos tiros duplos correspondentes a cada limite do garfo nenhum prejuizo causou, pois em taes casos a correcção a seguir pode ser baseada em um só tiro (53). Entrando no



tiro de efficacia com toda a bateria o capitão augmentou de duas divisões o corrector afim de levantar os pontos de arrebentamento á altura normal e diminuiu de 25 metros a alça que dera o limite curto do garfo (77), tornando-se assim 2.275 a alça — base do tiro de efficacia.

Pelo exame das observações registradas no boletim vê-se que elle agiu acertadamente empregando as seis alças de efficacia, diferentes entre si de 25 metros, peculiares ao tiro de tempo com granada (78), pois só no fim da serie é que elle conseguiu verificar que 2375 era a *alça favoravel* (39).

Na continuação do tiro o commandante da bateria passaria a empregar somente, ao lado da alça reconhecida favoravel, as duas que lhe são visinhas, 25 metros acima e 25 abaixo (84), até que a observação indicasse o emprego de outras.

Capitão *Lima e Silva*.

## A fortificação de campanha na França

Pelo major allemão Oberlindober

A «Instrucção pratica sobre os trabalhos de campanha» diz em seu prologo: «A fortificação não é senão um meio e não um objectivo!»

Assim para examinar as theorias francezas relativas á fortificação de campanha é conveniente começar por uma revista summaria dos principios tacticos da defesa, consagrados no exercito francez.

O «Regulamento sobre as manobras da infantaria» estabelece clara e decididamente que uma defensiva só associada á offensiva pôde conduzir á victoria, e que a defensiva passiva equivale quasi á derrota. Assim o que caracteriza a defensiva franceza é a tendencia de deter o inimigo com pequena força, destacamentos avançados, posições avançadas (às vezes ambos esses recursos) para que elle só chegue á posição principal já com as unidades em desordem, sem cohesão.

Pretendendo-se acceitar a decisão, o atacante desde sua approximação, e principalmente no ataque á posição principal deve ser hostilizado pelas reservas dos sectores, até que o commandante julgue chegado o momento de intervir com a reserva principal no contr'ataque decisivo.

Pretendendo-se, ao confrario, sómente ganhar tempo, então deve-se occupar diversas posições successivas e ir escalonadamente retirando de uma á outra.

### Combate decisivo

Os *destacamentos avançados* têm por missão occupar pontos importantes adeante da posição,

difficultar a exploração inimiga, apoiar e auxiliar a exploração amiga. A's vezes são mandados ao encontro do inimigo para detel-o em determinada zona ou desviar-o em direcção desfavoravel. Tambem podem ser empregados no prolongamento das alas d'uma posição defensiva ou deante dellas, afim de assegurar contra o envolvimento e, de outro lado illudirem sobre a extensão da posição; assim se induzirá o inimigo a desenvolver exageradamente sua frente, tornando mais facil seu rompimento.

Esses destacamentos pôdem ser moveis ou fixos; neste caso recorrerão á fortificação de campanha, para reforçar a resistencia (fossos de atiradores, organização defensiva de localidades), difficultar a approximação inimiga, nomeadamente nas alas e nos flancos, mediante obstaculos artificiaes, facilitar a retirada na direcção conveniente abrindo passagens nas cercas ou muros divisorios, preparando caminhos de columnas, etc.

Em lugar dos destacamentos avançados ou de par com elles empregam-se *posições avançadas*. Sobre seu emprego e sua fortificação não se pôde dizer que haja unidade de doutrina. Mas em quasi todos os exemplos dos mais diversos autores militares apresenta-se a tendencia da fortificação e defesa de posições avançadas, embora com designações diferentes.

Assim o tenente-coronel Klein em seu livro «Le rôle du genie en campagne» fala de uma *avant-ligne*; o capitão Bastien fala de *ligne avancée*, e o coronel Henry diz em seu livro «La fortification dans la bataille moderne»: «E' preciso observar que não se organisa mais o que se chamava outr'ora uma *avant-ligne*, isto é uma primeira posição de combate: basta occupar certos pontos do terreno adeante da posição por *postos destacados*. Os postos destacados no momento do combate não são senão elementos dos postos avançados (*avant-postes*)».

Normand tambem é adversario da «primeira linha de resistencia», só reconhecendo, como Henry, alguns «*avant-postes de combat*».

Como quer que se chame a creança, não se pôde ignorar sua existencia, pois effectivamente os Francezes são partidarios das posições avançadas de qualquer fórma. Em alguns casos com a applicação desse principio, limitam-se á occupação de alguns postos avançados, orlas de povoações, com simples pelotões ou companhias. Outras vezes emprega-se grande parte da força total, até um terço da infantaria disponivel, com pequenas unidades de artilharia, até peças avulsas, de par com obras simuladas, dando a impressão de uma verdadeira posição continua.

Quanto á distancia entre a posição avançada e a principal, não deve ser grande demais, para que a artilharia desta possa apoiar aquella, por outro lado não deve ser muito pequena para que a posição principal não soffra com o ataque dirigido á posição avançada.

Além disso a posição avançada deve ser situada de maneira que, uma vez forçada sua guarnição a retirar, logo encontre cobertura em dobras do terreno ou na vegetação, e que essa posição não sirva de ponto de apoio ao inimigo no ataque á posição principal. Os Francezes consideram essa retirada sempre realisavel mesmo após renhido combate, com o auxilio de contra-ataques.

A *execução dos trabalhos de fortificação* nas posições avançadas depende das intenções do



commando. A posição deve ter as communicações francas para a retaguarda afim de facilitar a evacuação da posição; para permittir isso melhor, recommenda o regulamento, quando se trata d'uma resistencia tenaz, o emprego de pontos de apoio de segunda linha, cuja organização por sua vez variará conforme se pretenda exclusivamente ahi acolher a guarnição da posição avançada que retira, ou se pretenda retomar d'ahi a offensiva.

O elemento capital d'uma posição defensiva franceza é a *linha principal de defesa*. Essa linha é definida pelos *pontos de apoio* ou centros de resistencia, agrupamentos de fortificações intervalados em geral de 1500 metros.

Os intervallos entre esses centros ou ficam livres, para os contra-ataques, ou são fechados mediante trincheiras para infantaria, afim de impedir que o inimigo ahi se estabeleça. A *massa da artilharia* é empregada em forçar a infantaria inimiga a desenvolver-se a grande distancia e depois principalmente em contrabater a artilharia inimiga.

Fracções de artilharia (secções ou peças) são installadas occultamente para o flanqueamento das proximidades dos pontos de apoio, especialmente de seus angulos mortos, (como as baterias-punhaes dos Russos).

Como na Allemanha, divide-se a posição em *sectores* cuja grandeza varia com as intenções do commando e a força da guarnição.

As guarnições de cada sector dividem-se na guarnição das fortificações (e, quando occorre, de seus intervallos) com seus reforços e na *reserva do sector*. Além disso ha uma reserva comum a toda a posição, a *tropa de manobra*. As proporções dessas tres fracções dependem essencialmente da situação tactica.

O papel das reservas de sector consiste em executar contra-ataques inesperados, ou pouco antes do assalto, ou depois do inimigo tomar a posição (retorno offensivo). Em ambos os casos é de maior importancia a surpresa.

O emprego da reserva principal (tropa de manobra) obedece inteiramente á offensiva. Em geral, ella monta a um quarto da infantaria, forte cavallaria e consideravel numero de baterias, e fica prompta para o contra-ataque, em geral, atraz do meio da posição. Em geral, ella procura romper o inimigo quando elle está em vias de realizar o envolvimento.

### *Detalhes da posição principal*

A designação «centro de resistencia» provém da «Instrução sobre a guerra de sitio», que exige d'elles uma organização tal que o atacante sem delles se apoderar, jamais possa conquistar a posição, não obstante seu bom successo nos intervallos. Essa condição tambem foi transportada para os pontos de apoio na guerra de campo raso, e em consequencia, esses agrupamentos de fortificações devem ser muito cuidadosamente organizados e poder apoiar-se mutuamente pelo fogo flanqueante.

Como pontos de apoio ou *pivots* para os movimentos offensivos das reservas de sector e da principal elles devem possuir bom campo de tiro approximado, bem como contra os intervallos, contra os caminhos de aproximação do inimigo. Em seu interior ou atraz d'esses centros devem ser installadas fracções de artilharia e metralha-

doras em capoeira, isto é, bem desenfiadas, pelo menos á vista, para flanquear o ataque approximado. Dá-se a maxima importancia ao fogo flanqueante para impedir o estabelecimento do inimigo nos intervallos e apoiar efficazmente os contra-ataques. Condição fundamental para o bom exito d'esses orgãos de flanqueamento é o desenfiamento ou mascaramento, pois reconhecidos antes de entrarem em acção, serão provavelmente destruidas sem chegar a funcionar.

Esses agrupamentos de fortificação consistem em diversos pontos de apoio naturaes ou artificiaes, e fossos de atiradores que se apoiam pelo flanqueamento reciproco. Em geral, preferem-se as obras de fortificação á organização das localidades. Não constituem uma linha continua, mas apresentam pequenos intervallos por onde possam ser lançados os reforços em contra-ataques, pois mesmo nesses pontos de apoio a defesa não deve ser passiva.

Os trabalhos de fortificação de um centro de resistencia ou ponto de apoio consistem na fortificação da linha de fogo, eventualmente preparo de um reducto, bem como na construção de trincheiras-abrigos para os apoios e reservas bem como trincheiras de ligação d'ahi á linha de fogo. Nessas trincheiras estabelecem-se numerosas coberturas horizontaes, observatorios cobertos, etc. Só se estabelecem obstaculos artificiaes onde não se pretenda realizar contra-ataques.

O desenvolvimento frontal de um centro de resistencia póde ser de 1000 a 1200 metros, com a guarnição normal de 1 batalhão. Com os intervallos da posição, o coronel Henry calcula em 2500 metros a extensão d'uma posição principal guarnecida por um regimento, 4 a 5000 metros para uma brigada, 10 a 12 kilometros para um corpo de exercito.

Um objecto de especial attenção é a preparação da *rapida intervenção das reservas* de sectores e da principal, nas diversas direcções possiveis. Impõe-se ahi a marcação dos caminhos e muitas vezes extensas obras para caminhos de columnas. Em principio, isso incumbe aos sapadores, mas geralmente não poderão deixar de ser auxiliados pela infantaria.

Os trabalhos para preparar e facilitar a retirada, acaso necessaria, correspondem aos usados no exercito allemão: designação e reparação das estradas e caminhos de retirada, lançamento de pontes sobre cursos d'agua atraz da posição, preparo da destruição de pontes e estradas por patrulhas de sapadores. Além disso os francezes fazem muitas vezes occupar nós de estradas ou povoações á retaguarda, ainda em pleno vigor do combate, portanto antes de sua decisão.

Entretanto o preparo de posições de acolhimento só é applicado pelos Francezes quando de antemão está resolvida a retirada, isto é, quando só se trata de um combate contemporizador.

E' verdade que alguns autores fallam systematicamente d'uma segunda linha de resistencia (Klein, Henry) ou *position de repli*; mas é porque elles não fazem distincção precisa entre o combate decisivo e o contemporizador. Ou é porque tambem n'esse dominio ainda não ha unidade de doutrina.

Um exemplo pratico dár-nos-á melhor idéa da doutrina franceza relativa á fortificação de uma posição para combate decisivo. Servir-nos-á um thema publicado pelo coronel Henry em 1913, no seu livro «La fortification dans la bataille mo-



derne». O autor transcreve primeiramente a solução tal como foi proposta no curso da escola de guerra em 1904/05 e em seguida a que elle propõe de accordo com as modificações soffridas pelos regulamentos. O thema (folha de Metz, da carta da Allemanha) era o seguinte:

*Situação do partido vermelho:* a do Exercito do Rheno antes da batalha de St. Privat-Gravelotte a 18. 8. 70. Esse exercito pretende bater-se decisivamente fortificando-se n'uma posição na linha Roncourt — St Privat — Amanvilliers — Montigny la Grange — Leipzig — Point du Jour — Rozérieux. O corpo de exercito dá ala esquerda deve fortificar e defender a zoua ao S. de La Folie.

*Thema:* Quaes os trabalhos de fortificação a executar por este corpo de exercito, e qual a repartição das forças?

(Continúa)

**O Gr. E. M.** do nosso Exercito vae ser, por certo, um dos departamentos mais directa e accentuadamente beneficiados com a ascensão de seu chefe ao Ministerio. Havendo soffrido pessoalmente os efeitos de sua organização falha e assistido impotente á insignificancia a que o reduziram, impõe-se espontaneamente ao Sr. Ministro, como um dos seus primordiaes cuidados, promover o erguimento do Estado Maior.

E' uma tarefa ingente, sem duvida, mas facilitada pelo desejo convergente de todos os bons elementos, mesmo dos que lá se acham improductivos, e altamente honrosa, pois só por si imprimirá immortaldade gloria a quem a emprehender.

Uma outra circumstancia favoravel, de molde a facilitar o bom exito do tentamen, é, além da continuação do Exmo. Sr. general sub-chefe, a personalidade do novo chefe. O operoso divisionario, no commando da guarnição do Rio de Janeiro soube — apesar de todas as resistencias — exigir uma intensidade de trabalho de que até então não nos suspeitavamos capazes, revelando assim a sua decidida e sã orientação, que tão bem se applica ao Estado-Maior: *Rumo á tropa.*

*Klinger.*

## Os picadores do Exercito

(Transcripto do *O Imparcial* de 24. 11. que gentilmente o publicou a nosso pedido).

«No *Diario Official* de 18 de Novembro ultimo, foi publicado, precedido de justos *consideranda*, um projecto de lei, assignado pela commissão de Finanças da Camara, mandando extin-

guir o logar de 2º tenente picador dos corpos montados e transferir os tres unicos serventuarios actuaes para o corpo de intendentes, sem augmento do quadro.

Ahi se vê tambem que a commissão de Marinha e Guerra, de pleno accordo com a de Finanças, deu unanime parecer favoravel á adopção do projecto.

Ha cerca de um anno, em o n. 2 d'*A Defeza Nacional* tivemos occasião de tratar do assumpto, a proposito de um projecto de reversão ao Exercito em favor dos ex-picadores dispensados por desnecessarios, na administração Dantas Barreto.

A contradicção notavel desses dois projectos não nos provoca nenhuma admiração, habituados como infelizmente já estamos todos nós á *sans façon* com que se promulgam, acobertados na irresponsabilidade do poder legislativo, e mesmo com sacrificio do prestigio pessoal dos detentores do poder executivo, leis, regulamentos e decretos que, providenciando apparentemente sobre coisas de interesse publico, não são mais do que arranjos inconfessaveis, accomodações escandalosas para os filhos, os parentes e demais protegidos dos magnatas.

O que nos admira, quasi scepticos que já nos tornamos, é que, ao envez da suppressão do quadro de picadores, uma das excrescencias da nossa organização militar, não hajam proposto sua ampliação, enchendo-o de postos e regalias, a exemplo do quadro de dentistas, fazendo emfim uma dessas *equiparações* tão em moda e tanto ao sabor da nossa falta de escrupulo e de patriotismo.

Sabem todos que se quizessemos preencher *honestamente* os postos de picador seria impossivel recrutar pessoal devidamente habilitado.

Mesmo na hypothese de que conseguissemos adquirir um moderno Jacome para cada corpo montado, ainda assim a instrucção ficaria prejudicada, pois é evidente que um só homem não poderia ministerial-a convenientemente a todo um regimento. A equitação deve ser ensinada pelos proprios officiaes combatentes, auxiliados pelos sargentos preparados por elles, como se faz em todos os exercitos nos quaes a honestidade profissional é um facto, e como já se vae fazendo aqui, dividido o pessoal de cada esquadraão ou bateria de artilharia de campanha em pequenas turmas nunca maiores de dez a doze homens.

Como amansador de cavallos, tambem são dispensaveis os serviços do picador, pois aos corpos não devem ser fornecidos cavallos bravios.

O que nos falta, e do que se deve tratar quanto antes, é um methodo geral e official de ensino, é um regulamento de equitação.

Nos *futuros* depositos de remonta tambem se póde prescindir dos serviços do picador agalado e caro.

Não estando organizadas algumas unidades de cavallaria, sobram-nos officiaes dessa arma, que podem muito bem administral-os e dirigir-lhes todos os serviços, auxiliados por inferiores e praças, aos quaes ministrarão a instrucção necessaria.

Sendo indispensavel, podem ser admittidos civis, mas em numero restricto e para exercerem funções modestas, como, por exemplo, a de amansar cavallos; para isso não se fazem mistér os galões e as regalias de official.

Assim, o recente projecto acima referido, que,



segundo a comissão de Finanças, traz uma economia de 16:200\$, torna-se digno de applausos, uma vez tomadas as seguintes medidas complementares, tendentes a evitar que sejam prejudicados direitos adquiridos:

1ª — A transferencia do 2º tenente picador deve ser para o corpo de intendentes ou veterinarios, á sua escolha, mediante declaração escripta.

2ª — Essa transferencia não acarretará prejuizo de antiguidade aos que já pertencerem ao quadro escolhido.

3ª — Ella será precedida de uma prova de competencia para as novas funcções, egual á que se sujeitaram os que já se acham no quadro escolhido.

4ª — No caso de falta de habilitação ficarão os picadores aggregados ao quadro escolhido, sem vencer antiguidade, até que se habilitem».

*Cidade-Lima*

## A CONTINENCIA

Nós não concordamos que a continencia seja uma méra exterioridade *sem nenhum valor pratico*, como assim a concebe um estreito utilitarismo, nem uma formula vã e apparatusa, na invencível modestia de alguns espiritos timidos ou de muitas almas desprendidas dessas cousas terrenas.

E porque a encaramos como um excellent symptoma de disciplina e uma prova irrecusavel de educação militar, é que ousamos pôr em fóco uma questão que talvez se apresente como secundaria mesmo áquelles que dedicam seus melhores esforços ao preparo technico de nossos soldados.

Certo que o gesto material da continencia por si só de pouco valeria e poderia mesmo ser supprimido, attento ao nenhum amor que consagramos ás tradições. E' innegavel, porém, que, dada a sua elevada significação e a decadencia em que se encontra, deveremos não sómente conserval-o como emprehender uma cruzada em seu favor.

Não ha ninguem, por menos exigente e observador que seja, que se impressione bem com a maneira pela qual se effectúa entre nós a saudação militar.

Irregular, multiforme, deselegante, ella é uma tortura reciproca para superiores e subordinados.

Em geral, executa-a o soldado sem enthusiasmo nem convicção, antes, com visível má vontade; corresponde-lhe o official com indifferença, timidez ou desamor.

Ha entre o inferior que se constrange, cumprindo-a, e o official que a torna incolor e penosa, um sensível esmorecimento, uma grave falha no cumprimento de um dever militar.

Não têm razão nenhuma aquelles que se

deixam vencer diante de nossa falta de garbo como de nossa detestavel *ginga*, apontando taes defeitos como um mal irremediavel de nascença, de indelevel cunho nacional.

A capital da Republica, o *Rio civilisado*, é a prova de que os habitos elegantes e as boas maneiras medram até com desmedida exuberancia na alma boa de nossos bons patricios.

Si é difficil dar aos nossos typos rudes do interior um verniz de homem polido e expurgar dos alistados das capitaes esse pernosticismo que é a caricatura da elegancia e um pedantismo ingenuo, não é verdade incontestavel que vão desaparecendo da tropa as figuras grotescas dos *bojugas* e as irreverentes e aggressivas attitudes dos *Nagôas* e *Guayamús*?

Não surgem hoje apenas como uma reminiscencia de antanho as indecorosas melenas e esses abominaveis gorros de palas reversas atirados ao alto da cabeça ou puxados pacholamente para o lado?

Não se nos afigura, então, acima de nossas forças dar um aspecto mais consentaneo ao nosso excellent soldado.

Parece-nos, entretanto, que esse trabalho commum de nossos instructores no ensino da continencia e nos moldes em que elle é ministrado nos corpos, pouco contribuirá para elevar o seu nivel. E' uma parte do programma que se preenche insipida e friamente, materialisada numa enumeração schematica que não pequeno esforço de memoria exige.

E isso é geralmente só no começo do anno, porque é ella um dos primeiros topicos do Guia da Instrucção. Durante o resto (e é quasi o anno inteiro) por exigencias do proprio ensino, a aprendizagem da continencia é relegada dos officiaes para os inferiores e destes para os cabos.

Tão pouca importancia se liga a esse acto de incontestavel beileza na vida militar que nos passam despercebidos certos episodios capazes de fazerem rir desabaladamente ao mais circumspecto si o caso não fosse infelizmente muito triste e symptomatico.

Ora é um tenente que recebe a continencia de general, ora é um general que nem recebe a continencia! Aqui, é um soldado que faz elegantemente uma saudação de official, alli um que vira o rosto para esquivar-se de cumprimentar os seu superior.

Uns quadram-se apenas á passagem de um coronel; outros, pernas afastadas, n'uma attitude de manifesto despreço, traçam descuidosamente um gesto inexpressivo qualquer que, aliás, o livra de maiores incommodos.

A falta de exigencia e de repressão tem conduzido ás suas logicas consequencias: é permit-



tido fingir que não se vê o superior; é concedida a mais ampla liberdade na forma de homenagem-o.

E como é grande o numero dos officiaes que se furtam á saudação de seus camaradas e superiores!

Quaes os responsaveis directos por este estado de cousas a que attingimos, é tarefa que, de preferencia, affectariamos aos psychologos e aos tribunaes da Historia.

O que é preciso é acabar com isso e, por conseguinte, o que é necessario é encontrar um meio que, entre as soluções imperfeitas a que nos temos que resignar, possúa a maxima efficacia e oportunidade.

Não sejamos sómente «bravos e technicos»: paguemos convictamente um necessario tributo ao formalismo de nossa carreira.

Acreditamos que a situação precaria a que chegaram as relações entre officiaes e praças não seja decorrente das idéas democraticas dominantes na tropa; mas dos habitos burguezes que cada vez mais as avassalam.

Si os velhos e traquejados camaradas recordam-se com saudades dos tempos aureos da Corôa, quando, ao seu modo de vêr, a disciplina era mais rigorosa do que actualmente, é preciso não esquecer que a influencia da escravidão era então bem sensível nos quartéis.

E' pela comprehensão e não pelo terror, a despeito das medidas violentas tantas vezes prementes, que teremos de actuar hoje sobre os nossos soldados; é pelo exemplo e pela competencia que nos imporemos aos nossos commandados como aos nossos chefes.

Uma campanha em prol da continencia ou, mais precisamente, da attitude do subordinado perante o superior, deverá então começar pelos officiaes...

Porque não emprehendel-a?

E' indiscutivel que ha quem trabalhe na tropa da madrugada ao anoitecer; move a esses officiaes não sómente o desejo honesto de bem cumprirem os seus deveres como um decidido amor pela carreira que abraçaram. Claro que essa dedicação tem varios graos e aspectos: fructos da falta de homogeneidade com que nos constituimos.

Mas si é consolador constatar o trabalho intensivo com que se prepara um apontador ou se faz um bom atirador ou signaleiro, é lamentavel observar como a maioria assume o commando de sua unidade e mantem a *linha* de chefe entre os seus commandados.

Que se não melindrem os bondosos camaradas ainda não *blasés*: não lhes desconhecemos aptidões e sentimentos capazes de imprimirem o

maior entusiasmo aos nossos abatidos soldados, jovens, na grande maioria.

O que é mistér é um accôrdo tacito entre os officiaes, uma acção convergente tendendo a completar o feitio militar de nossos homens, imprimindo á continencia uma expressão franca e respeitosa.

E, a esse respeito ha um detalhe cuja observancia auxiliaria muitissimo efficazmente a sua melhor execução: **é preciso que o subordinado encare resolutamente o superior a quem saúda.** Tal attitude como que dá um verdadeiro ponto de apoio á continencia, que se torna firme, franca, desassombrada como já-mais pôde fazel-a quem saúda olhando para o chão ou para o *outro lado*. Este detalhe não está prescripto; mas tambem nada o prohiibe: urge adoptal o.

E, pois que vamos reencetar no proximo mez a *Escola de recrutas*, mostre cada um que, nisso como em tudo, os nossos soldados possuem officiaes...

*Pompeo Cavalete*

## Politica e lei de promoções

O afastamento dos militares da politica é um principio essencial que hoje *no seio do Exercito* ninguem contesta; todos almejam vel-o praticado.

Seria absurdo querer impedir que os militares, *cidadãos como outros quaesquer*, sejam eleitos para cargos publicos ou concorram com seu voto para a escolha dos mandatarios do povo. Mas não menos absurdo é tambem querer que os officiaes eleitos na qualidade de *cidadãos* conservem, durante seu mandato, as vantagens de militar, quanto ao soldo e ás promoções, como se estivessem em effectividade de serviço.

Dessa maneira, promovendo aos que desertam da classe e abandonam seus deveres, não se faz mais do que estimular os que ficam, a seguirem o mesmo rendoso caminho e desencorajar para os arduos trabalhos da tropa os que não se sintam com feição para vencer na politica.

Demais prova-se assim que não é preciso ter aptidão militar para ser promovido e iguala-se a promoção a uma especie de *ordem honorifica* com que se premeiam serviços de qualquer especie, quando o que por toda a parte se sabe é que ella equivale a uma demonstração de confiança para arcar com maiores responsabilidades, o que exige uma competencia evidenciada em postos anteriores.

Como se pode, pois, elevar de tenente a general um militar na politica, sem demonstrar



com esse acto que, acima dos interesses da defesa nacional, estão os pendores sentimentaes dos homens que governam?

Essas considerações encarnam idéas hoje aceites em todo o Exercito e fazem parte, por assim dizer, de sua mentalidade collectiva. Só os interessados, presentes ou latentes, as repudiam.

Ainda no numero de Novembro do Boletim do G. E. M. o Sr. general Müller de Campos, tratando deste assumpto, propõe que "os officiaes que desempenharem cargos de eleição federal, estadual e municipal, e os que exercerem cargos ou commissões civis, sejam considerados em *disponibilidade absoluta* desde o dia da posse do cargo, emprego ou commissão." E é de opinião que "não terão direito de contar antiguidade, nem perceberão soldo ou outra qualquer vantagem pecuniaria pelo Ministerio da Guerra, enquanto durar a disponibilidade."

Essas e outras idéas expendidas pelo illustre general são esposadas por todo o Exercito, consultam em alto gráo os interesses da Nação e só esperam que o Congresso lhes dê o caracter de lei.

O que, porém, não consulta nem os interesses do Exercito, nem os da Nação é a idéa absurda de restabelecer o posto de marechal, em tempo de paz, com funcções de commandante de corpo de exercito, fixando logo o numero de quatro para seu quadro!

Nenhum exercito como o nosso, onde não ha divisões, onde a *brigada strategica*, (que Deus lhe fale n'alma) a nossa maior unidade do tempo de paz, não logrou ser organizada e vive reduzida a misero esqueleto, sem mesmo ter á frente os generaes que as deviam commandar, é simplesmente estranho propor a creação de quatro marechaes para commandar quatro corpos de exercito, quando toda a nossa força de terra, quando mobilisada, mal dá uma dessas unidades.

E o que mais singular se nos afigura é querer fazer essas promoções, (*sem augmento de despesa!*) como se fossem necessarias, "diminuindo sem o menor inconveniente para a instrução e o serviço, o numero de 2<sup>os</sup> tenentes das armas combatentes, na razão de um por companhia, bateria e esquadrão", para com os vencimentos que a estes cabem serem cobertas as despesas com os *quatro marechaes*.

**E' a inversão completa das coisas.** Acabar com os combatentes, com os que justificam a propria existencia do Exercito, como desnecessarios, para augmentar a parte representativa e burocratica!

Desejavamos que o illustre general nos demonstrasse como, diminuindo um 2<sup>o</sup> tenente por pequena unidade *não ha inconveniente para a ins-*

*trução e o serviço...* E desejavamos ainda que S. Ex. nos dissesse o que vamos fazer desses quatro marechaes!

*Leila*

## Emprego e exame do material telephonico da artilharia de campanha allemã

Cada linha (ligação entre duas estações) é servida por uma patrulha de telephonistas, que comprehende 2 cavalleiros e 2 artilheiros a pé; um dos cavalleiros é sargento e chefe da patrulha.

O material é acondicionado na viatura-observatorio, e consta de tresapparelhos telephonicos para cada commando de grupo e de bateria — portanto n'um grupo ha dozeapparelhos — seis linhas.

Sendo de prever um combate imminente o material passa a ser conduzido pelos 2 cavalleiros da patrulha de telephonistas. Cada um delles transporta uma bateria telephonica ás costas, um phonoscópio com accessorios em uma bolsa pendente do cinturão (é um órgão de audição que póde ser mantido adaptado a uma orelha, ficando o servente com as mãos livres), um telephone militar n'uma bolsa adaptada á patilha da sella, dois carreteis de fio conductor, um á direita outra á esquerda da sella, uma maneira para a montada, um blóco para avisos e um jogo de bandeirolas de signaleiro.

O chefe da patrulha de telephonistas é responsavel pela ligação telephonica, bem como de signaleiros, e na falta de ambos os systemas, pela transmissão á viva voz (cadeia de transmissão).

Os serventes-telephonistas a pé seguem na viatura-observatorio ou n'uma viatura-munição e, tirados os armões, apresentam-se na estação telephonica mais proxima.

Cada bateria precisa ter homens sobressalentes instruidos como telephonistas.

*O estabelecimento duma linha* é feito, em geral pelos telephonistas montados. O servente que fica na primeira estação apeia, manea seu cavallo, tira um carretel da bolsa e enfia o cabo em seu olhal, desenrola uns dez metros (para poder, eventualmente, mais tarde mudar a estação) e fixa a extremidade no seu sabre fincado no chão, ou n'uma arvore, etc. O outro



telephonista a cavallo desenrola, montado, o fio até á outra estação. Se um carretel não chegar liga-se ao extremo de seu fio a ponta de outro carretel; essa emenda é feita com um nó de tecelão, que se envolve com a fita isoladora. Estendido o fio, os dois homens se scientificam disso por meio de signaes e installam as estações: ligam o phonoscopia ao telephone, ligam o telephone por meio do contacto de 2 bornes á bateria-telephonica, ligam a ponta do fio conductor (na contra-estação—a ponta interna do carretel si não tiver sido todo desenrolado) a um dos tres contactos de linha *L* evitando que elle toque o de terra *E* ou o fio a este ligado.

O sabre que serve de conductor á linha de terra deve ser bem enterrado, o fio bastante enrolado na lamina e ligado ao contacto da terra *E*; si o sólo for muito secco convém empregar mais de um sabre para enrolar o fio de terra.

Para estabelecer uma linha dupla os dois cavalleiros observam um intervallo de pelo menos 2 metros; os telephonistas a pé, protegem a linha, nas immediações da estação e nos pontos provaveis de transito sobre ella, cobrindo-a de terra. Experimenta-se a ligação estabelecida e aprompta-se as bandeirolas de signalisar.

Si a linha não funcçãoa: examinar a bateria telephonica, si todos os fios estão bem apertados, si ha contacto indebito de fios, si os bornes do telephone estão bem encaixados; examinar a linha, especialmente os pontos de fixação e as emendas, isolar os trechos de arame descoberto; si a trombeta do telephone não funcçãoa, empregar a trombeta sobresalente ou assobiar no phone.

A's vezes sacudindo o telephone o aparelho passa a funcçãoar.

Póde-se tambem fazer as communicações (receber e transmittir) pelo phonoscopia de cabeça.

#### Exames e reparações do material telephonico

Antes da utilização do material é preciso de cada vez examinar a bateria electrica, a trombeta, o phonoscopia, o microphone, etc.

Se os aparelhos apanharam agua ou humidade no serviço é preciso tiral-os das bolsas e seccal-os longe do fogo.

1. Se a tecla phonica estiver inchada (a trombeta não sôa), tiram-se os parafu-

sos e secca-se cuidadosamente o punho de madeira.

Se o annel de borracha que está solto sobre o microphone humedece-se (não se consegue ouvir) é preciso retiral-o e seccal-o.

3. A trombeta deve ser examinada ligando o telephone a uma bateria-telephonica que funcçãoe bem (com 2 elementos) e estabelecendo um curto circuito entre um contacto de linha *L* e o de terra *E*. Si sahir um som abafado é que o contacto da trombeta precisa ser limpo; si não sahir som nenhum é que a tecla phonica está emperrada.

No 1º caso tira-se a placa cobridora e affrouxa-se o parafuso de pressão. Retira-se o parafuso de contacto da trombeta limpa-se sua ponta e torna-se a collocal-o cuidadosamente, até que se obtenha um som limpido.

Rearmam-se as outras peças.

No 2º caso é preciso retirar a peça e limar convenientemente a tecla phonica.

4. A's vezes é preciso substituir os phonoscopios dos telephones como no n. 3; calcando então o botão de uma trombeta em perfeito estado, o phonoscopia em exame deve reproduzir nitidamente os sons.

Si tal não se der será preciso torcer os parafusos da face posterior.

Póde tambem ser necessario substituir a placa receptora.

Para examinar os phonoscopios de cabeça, em lugar do curto circuito, liga-se um dos seus bornes por um arame a um contacto de linha *L*, o outro ao contacto de terra *E*.

5. Para experimentar o microphone estabelece-se o curto circuito como no n. 3. E' preciso que ambos os phonoscopios reproduzam nitidamente o som da trombeta cada vez que se calcar a tecla phonica.

Não sendo assim tiram-se os dois parafusos que prendem a tampa da capsula microphonica, tira-se a tampa e o annel de borracha e levanta-se cuidadosamente o microphone. Si a placa vibratoria estiver damnificada será preciso substituir o microphone, caso contrario proceder-se-á ao rigoroso asseio da capsula e do annel de borracha.

6. Examina-se a bateria electrica por meio d'um galvanometro; n'um elemento



novo o ponteiro deve marcar 1,5, e calçada a tecla voltar ao traço vermelho.

Si os elementos tiverem se affrouxado será preciso fixal-os com papel. Os fios de arame no interior da caixa devem ter o aspecto metallico branco, e os parafusos devem estar firmes. E' preciso enxugar os pontos humidos que os elementos porventura apresentem.

7. Si se molhar o fio conductor é preciso enxugar-o. O fio arrebetado solda-se com *Tinol* — por meio de um phosphoro e envolve-se a emenda com fita isoladora. A emenda transitoria de dois fios (quando um carretel não chega para a linha) faz-se com um nó de tecelão, isolando-se egualmente a emenda.

Experimenta-se a conductibilidade do fio por meio do galvanometro; os fios já usados devem ser primeiramente desenrolados e examinados sobre a integridade de seu revestimento.

8. O carretel do fio não deve apresentar pontos descobertos de pintura; caso appareça algum é preciso pintal-o com verniz de asphalto.

9. Depois de cada serviço o material telephonico tem que ser limpo, reparado si preciso fôr e examinado, sob as vistas do chefe da patrulha.

*O chefe da patrulha de telephonistas é responsavel pela conservação e bom estado de funcionamento do material telephonico como um chefe de peça o é pela sua peça.*

(Extr. do *Wernigk*—Manual para a artilharia de campanha.)

*Klinger*

## O alto commando do Exercito

O illustre titular da Guerra, que tão brilhante programma administrativo traçou nas paginas d'esta Revista, vae ter muita resistencia que vencer, antes que possa colher os fructos das patrióticas medidas que se propoz executar no Exercito.

Não será, certamente, nos pequenos postos, onde se deseja trabalhar pelo soerguimento da tropa, que S. Ex. encontrará as mais fortes resistencias. E não se nos diga que phantasiamos. Para se ter uma idéa do estado a que nos conduziu a nossa desorganisação militar, basta examinar o quadro dos generaes e ver como se achavam repartidos pelo territorio nacional os seus illustres membros a 15 de Novembro ultimo.

Antes do mais, e bem a proposito para a época de economias que atravessamos, convém deixar assignalado que os quadros dos generaes de divisão e de brigada estão mais do que completos...

Assim, pela lei, são:

Generaes de divisão 8; temos 11  
» » brigada 20; » 24.

Portanto, 3 de divisão e 4 de brigada no quadro supplementar.

As comissões que aos generaes de divisão cabe desempenhar são: Inspectores da IX, XI, XII e XIII Regiões; Chefes de Gr. E. M. e de D. G. eventualmente, Ministro da Guerra. Ao todo 7.

A 15 de Novembro só a IX Região tinha a sua frente, como Inspector, um general de divisão. Exerciam as funcções que a lei reserva a seus postos, 4

Chefe do Grande E. M.  
Inspector da IX Região  
Chefe do D. G.  
Ministro da Guerra.  
Achavam-se á frente de cargos civis  
Prefeito d'esta Capital  
Governador de Pernambuco.  
Estavam sem comissão 3  
Em outras funcções:  
Inspector do Collegio Militar 1  
Director do Arsenal de Guerra 1  
Total 11.

Desses 11 generaes, 10 estavam n'esta

tal e um no Norte, como presidente de uma das comissões de generaes de brigada, 5 em inspecções das I, II, III, VII Regiões, as quaes tinham á sua frente chefes superiores ou capitães.

Só as V, VIII, X, XI e XII Regiões tinham testa generaes de brigada, a ultima general de divisão.

Das 5 brigadas estrategicas, só a I era commandada por seus generaes, e a II, III, IV e V eram commandadas por seus generaes, e a VI era commandada por seu general. Todas as brigadas de cavallaria estavam commandadas por seus generaes.

Os 24 generaes de brigada estavam distribuidos:

Sem comissão n'esta Capital 7  
Inspectores de Região 5  
Cdtes. de brigada do Exercito 1  
Brigada policial, 1  
Sub-chefe do Gr. E. M. 1  
Inspector de fortificações 1  
Chefe da Casa Militar do Presidente  
Ministro do Exterior 1  
Chefe da Comissão de compras na Europa 1  
Chefe da Comissão de limites com o Uruguay 1

Inspector do Asylo de Invalidos 1  
Inspector de linhas de tiro 1.  
Total 24.

Desses 24 generaes de brigada, 19 achavam-se nesta Capital. Ao todo 29 officiaes generaes no Rio de Janeiro.

*Leitão*

## Engajamento de inferiores

Uma medida de que se precisa cuidar desde já, se fôr posta em pratica — como tudo faz crer — a idéa de dar aos corpos effectivos normaes, é o estabelecimento



mento de condições para o engajamento dos inferiores.

Com um effectivo orçamentario reduzido, como vae ser o do proximo anno, para dispor de *effectivos normaes*, em uma ou duas divisões, será preciso deixar muitos corpos reduzidos aos officiaes e sargentos. Haverá, portanto, certas despesas a fazer com essas *carcassas* inuteis; será preferivel dissolver-as *provisoriamente*.

O officiaes, pela fixidez dos quadros, permanecerão e poderão servir addidos aos corpos dotados com effectivos normaes, e parte, por escala, nos exercicios; nas sargentos, que servem por tempo limitado, terão que ser excluidos á proporção terminarem seu tempo de serviço. E, só dois annos após, seriam os ultimos sargentos, que inutilmente pesariam no orçamento da guerra. Seria então preferivel, para regularizar essa situação, aproveitar o que se dessem em todo o Exército, estabelecendo um conjuncto de condições satisfazer para os que se queiram ou reengajar.

A partir de 1º de Janeiro, ficariam sujeitos a um concurso todos os sargentos sendo bom comportamento e robustez física — fossem concluindo seu tempo.

O concurso poderia versar sobre:

a) Instrucção individual da arma, tabella de continencias, nomenclatura.

b) Escola de companhia (esquadrão, baterias e tactica dessas unidades).

c) Escripção militar nas pequenas unidades.

Desse modo, colher-se-ia um duplo resultado: restringia-se pouco a pouco o quadro dos sargentos aos corpos dotados com effectivos normaes; fazia-se uma selecção, conservando sómente os melhores elementos.

E convinha respeitar os arts. 68 e 72 da lei de 4 de Janeiro de 1908 (engajamento por prazo não superior a tres annos e applicar aos reengajados as disposições relativas aos engajados) para que pudésse ser evitado um eventual afrouxamento na dedicação ao serviço por parte dos inferiores. Taes inferiores ao terem baixa do serviço activo poderiam ser logo incluidos no quadro de officiaes da reserva, como prevê o art. 70, dispensando o exame ali referido.

Uma vez estabelecido o programma pelo Gr. E. M., os concursos serão organisados pelos commandantes de divisões (ou inspectores de região), em cada regimento, sendo as commissões examinadoras constituídas por officiaes de outro corpo.

*Klinger-Lite*

## Professores militares

Sob o titulo "O Sr. Azeredo, os professores militares e a emissão de papel-moeda" a *A Noite* de 2 do corrente insere:

«Uma commissão de officiaes do Exército, procurou hoje, no Senado, o Sr. Antonio Azeredo, cujos serviços foram solicitados para patrocinar a causa dos professores dos collegios militares, que devem receber, como gratificação, a quantia de duzentos e muitos contos de réis, por uma lei já approvada na Camara e dependente do apoio do Senado.

Os officiaes disseram ao Sr. Azeredo que temiam vir a discussão, na nossa Camara Alta, antes da proposição que lhes manda dar a gratificação, o credito para os pagamentos da Central do Brasil.

— Neste caso estará fatalmente prejudicada a nossa pretensão disse um official. O pavor despertado pelos creditos da Central não permittirá que se vote a nossa gratificação.

E' preciso, pois, que ella entre já em discussão no Senado.

O Sr. Azeredo acalmou os officiaes nestes termos:

— Teremos breve uma grande emissão de papel-moeda.

Não ha outro remedio, e com ella tudo se arranjará. Nem a Central ficará sem os creditos, nem os Srs. sem a gratificação. Estejam descansados e confiem em mim. Eu voto contra a emissão no Senado; mas, trabalharei por ella fóra daqui e o governo ha de fazer a emissão. Fiquem tranquillos.

Os officiaes effectivamente sahiram tranquillos...

Repugna acreditar que officiaes do Exército, principalmente educadores da juventude, andem pedinchando gratificações por meios tão pouco decorosos nos corredores do Senado ou da Camara ao envez de se absterem patrioticamente de exercer qualquer influencia sobre as resoluções legislativas.

Mas, o que é facto é que, precisamente ha um anno, o *O Imparcial* por sua vez noticiou que uma *commissão fardada* fóra ao Senado implorar ao sr. Pinheiro Machado sua protecção para que não cortasse no orçamento respectivo a *gorda maquia* que presentemente recebem os professores militares e que dá lugar á escan-



dalosa *equiparação económica* dos jovens tenentes professores aos velhos coroneis não pertencentes ao *mundo intellectual militar*.

Não são unicamente as imposições do angustioso momento financeiro actual que tornam opportuno e mesmo urgente o exame e consequente revisão dessas gratificações especiaes concedidas sob varios pretextos; são também motivos de ordem moral, mais importantes, intimamente ligados á disciplina militar.

Como se justifica, por exemplo, o enorme accrescimento de vencimentos concedido ao official professor, ainda mesmo quando afastado do magisterio?

Sua funcção é ou não militar?

Sua representação social é ou não a mesma dos outros officiaes?

Trata-se de *pagar um maior esforço intellectual*?

O leitor consciencioso e desinteressado que responda a si mesmo, lembrando-se dos damnos que ao Exercito têm causado a pedantocracia militar. *Lima*

**Fusil 1908** Accentuam-se as disposições honestas da nova administração militar: acaba de ser mandado entregar á tropa o novo fusil, que até agora envelhecia nos depositos da Intendencia, creando lendas e levantando polemicas. Com a entrada da nova arma em serviço, veremos com quem está a razão, que oxalá caiba toda aos seus defensores ardorosos.

O conhecimento do estado a que chegaram todos os fuzis 1895, em todos os corpos leva-nos a alvitrar a prohibição do pagamento ás praças, a *titulo de limpeza*, de lixa e pó de tijolo, responsabilizando os capitães pelas armas assim estragadas nas unidades que commandam.

Sempre que o armamento é tratado com a devida solicitude, desaparece a necessidade dos brutaes lixados, que vão da soleira á alça de mira. *Leitão*

### Subscrição para as familias das victimas dos "fanaticos" do Contestado

N. da lista	PROCEDENCIA	QUANTIA
2	Gab. Ministerio Gen. Vespasiano	270\$000
»	Haupt & C. ....	300\$000
3	Chefia E. M. Gen. Faria .....	76\$000
4	Secções do Gr. E. M. ....	130\$000
5	D. C. ....	31\$000
A transportar.....		807\$000

Transporte .....	807\$000
9 G. 3. ....	115\$000
17 Escola E. M. ....	158\$000
18 Alumnos dita. ....	7\$000
20 Fabr. Realengo. ....	40\$000
24 Arsenal P. Alegre. ....	50\$000
27 Militares Deputados. ....	10\$000
29 Inspeção General Aguiar. ....	130\$000
30 1ª Brigada Estrategica .....	75\$000
33 Officiaes do 1º R. I. ....	90\$000
Praças » » .....	255\$400
37 Officiaes 55º Caçadores. ....	200\$000
82 Praças 1ª C. 55 Caçadores ....	62\$000
83 » 2ª C. » .....	16\$900
84 » 3ª C. » .....	25\$000
40 Officiaes do 13º R. Cavallaria. ....	88\$000
41 » e praças 1º E. Trem. ....	50\$000
44 » 20º Gr. Art. ....	60\$000
100 Praças 1ª B. e e. m. 20º G. ....	77\$000
101 » 2ª B. » » .....	23\$400
102 » 3ª B. » » .....	7\$000
45 Officiaes Gr. Obuzeiros .....	34\$000
103 Praças da 1ª B. Obuzeiros ....	43\$500
104 » 2ª B. » .....	28\$500
123 Inspeção General Setembrino. ....	195\$000
206 Officiaes do 49º Caçadores ....	30\$000
207 Praças 1ª C. » .....	29\$900
208 » 2ª C. » .....	6\$500
209 » 3ª C. » .....	10\$400
224 Officiaes do 4º R. Cav. ....	70\$000
225 a 228 Praças » .....	160\$000
Obtido pelo Sr. Capitão de Corveta Th. Jardim .....	60\$000
Somma .....	3:014\$600

A Deduzir:		
Impressão das listas ....	16\$000	
Expedição .....	17\$000	33\$000
Saldo.....		2:981\$600

### EXPEDIENTE

Por haver sido distinguido com um cargo no gabinete do Exmo. Snr. Ministro da Guerra, deixou de pertencer á redacção desta Revista, desde 16-11-914, o Sr. 1º tenente Estevão Leitão de Carvalho.

A idéa da fundação de um órgão como este, si desde algum tempo despontára entre diversas camaradas — impressionados pela gravidade da desorganização militar do paiz e desejosos de contribuir para uma sã orientação — teve no nosso esforçado camarada o seu incorporador: elle quem soube apanhar um momento opportuno e congregar elementos para tornal-a uma realidade.

Desde então ninguém o excedeu, estimulando e agindo. O desdobramento continuo de sua actividade multiforme nos variados dominios da vida interna como externa deste periodico, onde se espelha toda a sua pujante e nobre combatividade, imprimiu á Revista o seu facies, já hoje confundivel.

*Klinge*

Com este numero distribuimos o *setimo fasciculo de Griepenkerl*.

**Aviso aos artilheiros.** Venda avulsa do codigão de signaes Pompêo Cavallante: 2 exemplares, \$500 Rs; duzia, 2\$500.